

* não interpela diretamente aquele que fica em silêncio: concede-lhe o direito de calar; [apenas cria clima para que todos se sintam iguais e à vontade];

* evita destruir frontalmente as auto-defesas de qualquer participante: o ataque levaria a um aumento do aspecto defensivo;

* está consciente de que ele não é o "pai" nem a "mãe" do grupo: deixa ao grupo a tarefa de quebrar seus silêncios e medos e permite que ele se auto-controle. Trabalha de tal maneira que o grupo se sinta livre e responsável por seus fracassos e sucessos;

* "dá-se conta" quanto o grupo ou alguém do grupo entra no relato de problemas pessoais ou dá respostas fora do foco que o grupo está trabalhando. Não "corta" de imediato aquele que se desvia. Deixa que alguém do grupo volte ao foco, mas se isso demora, ele tem a responsabilidade de fazê-lo, usando alguma pergunta adequada;

* conhece e respeita o "princípio de emergência" e o "princípio do corte" os quais lhe permitem perceber o momento em que necessita limitar o tempo ou interromper a discussão de uma temática. [O respeito a esses princípios faz emergir as idéias, e ajuda o grupo a produzir mais. O tempo ilimitado e a falta de oportuna interrupção podem diluir a discussão do grupo e colaborar para que o grupo não encontre soluções.];

* entende as "diferentes linguagens" que o grupo usa para expressar-se; [está atento ao não verbal, às linguagens implícitas:

reconhecer e compreender que, muitas vezes, a agressividade é uma forma de expressar timidez. O silêncio de um componente do grupo pode ser a sua maneira de participar ou pode indicar o sentimento de que o que ele diz não tem importância. Ou que os outros sabem tanto que a ele cabe calar, ou pode ser um protesto contra alguém ou alguma afirmação do grupo, etc];

* age de tal forma que permita ao grupo chegar às decisões, por consenso;

* coordena a organização das idéias do grupo, ajudando o grupo a fazer a síntese.

**Esse texto foi escrito por Deonira e é o resultado de reflexão em grupo (Deonira, Jorge, Renita, Margot e Vera) acrescido de leituras complementares:*

BHASIN, Kamla. El desarrollo participativo requiere formación participativa. BORDANAVE, Juan E. Diaz. O que é participação. São Paulo: Brasiliense, 1995.

O Ministério da Saúde adverte:

**CRIANÇAS COMEÇAM A FUMAR
AO VEREM OS ADULTOS FUMANDO**



fato⁵³ e razão

MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO - MFC - MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO - MFC□□□□



Conversando com o leitor

A sua revista chega mais uma vez às suas mãos, caro leitor, carregando a esperança da Equipe de Redação de lhe estar oferecendo uma leitura que agrade e incentive ações concretas para a construção de um mundo mais justo e fraterno, de famílias mais felizes e jovens com melhores perspectivas de vida digna. Temos robusta convicção de que o país vai mudar para melhor. Há sinais de correções de rumo, prudentes mas firmes. Sente-se renovada esperança nos mais pobres e nos que se preocupam com eles. Neste número, oferecemos um amplo leque de temas atuais para sua leitura atenta, amigo leitor. Como sempre, uma atenção especial à variada problemática familiar, a insistência no alerta sobre os perigos das drogas, a denúncia de todo tipo de injustiça social e de escandalosos desvios éticos.

Também há sempre propostas em cada número da sua revista, caro leitor. São políticas suprapartidárias e posturas reclamadas pelo bom senso, para o bem comum.

Por isso, esperamos que seja enriquecedora a leitura da revista que está agora em suas mãos.

Escreva-nos com suas impressões e sugestões para fazê-la sempre melhor.

H. & S.A.

53
fato e razão

Movimento Familiar Cristão
Conselho Diretor Nacional

Maria Sebastiana (Sebá) Leão
J. Geraldo e Ma. do Carmo Silva
Mônica e Mara Souza
Arendiano e Ivonete Borges
Tales e Ma. Thereza Silva
Carlos Alberto e Ma. Nilza Mendes
João e Eliana Prior
Gerardo Rizzo e Ineusa Bomeisel
Maria Aparecida Eduardo
Elias e Herminia Mariano
Mariza Leão
Luiz Carlos e Rita Martins

Equipe de Redação

Beatriz Reis
Helio e Selma Amorim
R. Des. Saul Gusmão 80 - VIII
22941-280 Rio de Janeiro - RJ
E-mail: amorim@ibpinet.com.br

Distribuidora Fato e Razão

Assinaturas
R. Vde. do Rio Branco, 633/1002
24020-005 Niterói - RJ
E-mail: texere@uol.com.br

Livraria do MFC

Padidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
38010-520 Juiz de Fora - MG
Tel. (32) 3214-2952
E-mail: ivanleida@uol.com.br

Agência Promoção de Vendas

Assinamento Revendedores MFC
Rua Goiás, 132
20756-120 Rio de Janeiro-RJ
Tel. (21) 2215-1401
E-mail: amorim@ibpinet.com.br

Fotolitos e impressão

Pomyl Artes Gráficas
Rua S. João, 25 - slj
24020-000 Niterói - RJ
Tel. (21) 2722-3776
2621-5278 Fax (21) 2722-3777

Capa

"Grassóis", Armando Amorim,
desenho sobre tela.

Data desta edição: julho 2003

Sumário

Rubens foi preso, 2 - Editorial

Antes que seja tarde, 5

Affonso Romano de Sant'Anna

A morte do Papa, 7 - Frei Betto

A droga das drogas, 8 - Helio Amorim

Poema, 11 - Beatriz Reis

Sacramento do Matrimônio e o filme

Chocolate, 12 - Deonira Viganó La rosa

Ventania divina, 16 - Marcelo Barros

Ainda o celibato obrigatório, 18

Eduardo Hoornaert

Cidade partida, 20 - Helio e Selma Amorim

Carta aos pais, 24 - Rubem Alves

Sementes de Girassol, 28 - Frei Betto

Comunicadores a serviço da Paz, 31

Marcelo Barros

Cartunistas, 33 (Henfil)

Não fique tão sério, 34

Se quer ir para o céu, 36 - Pe. Zezinho

Água, 38 - Tonica Chagas

Crise de valores na família, 41

Deonira Viganó La Rosa

Saudades de antigamente, 44

Transfigurar o coração da gente e do

mundo, 47 - Marcelo Barros

Depois do divórcio, 49 - Isabel Telmo Hackner

Penitência e jejum, 52 - Prudente Nery

Aborto, 57 - Equipe de Redação

A compaixão, 59 - Frei Betto

Impacto da tecnologia na vida do casal, 61

Deonira Viganó La Rosa

Ensina a teu filho, 63 - Frei Betto

"Deus se parece com os piolhos", 65

Leonardo Boff

D.a.d.i.a, Desordem da atenção, 67

Receita para matar um sem-terra, 69

Frei Betto

Educação para a Paz, 70 - Pierre Weil

Por que utopia? 74 - Pe. Zezinho

Por fora, bela viola, por dentro pão

bolorento, 75 - Alex Gasparini

O telefone, 77 - Rubem Alves

Conselhos da polícia, 80

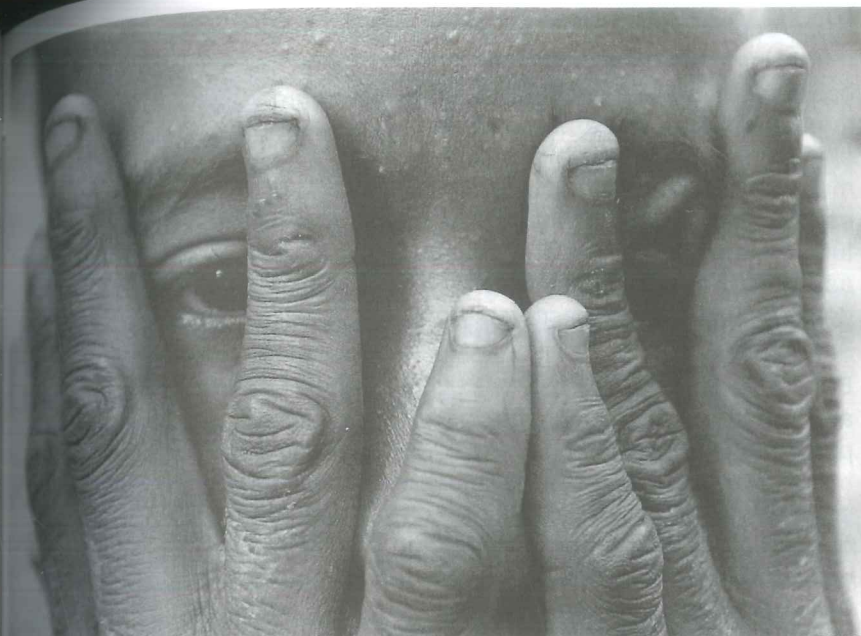
Rubens foi preso

Estava com fome, disse. No ônibus, desarmado, não resistiu à tentação. Passou a mão na bolsa da passageira e fugiu. Sem violência, disse a moça. Mas não se conformou. Desembarcou para tentar recuperar o que o Rubens lhe tirou. O rapaz tinha desaparecido. Mas ela esperou que ele reaparecesse já sem a bolsa e de roupa trocada. Reconheceu o assaltante. Apontou. Pediu ajuda às pessoas na rua que, enfurecidas, perseguiram e prenderam o rapaz, 19 anos, negro, um terrível bandido que roubou uma bolsa. Escapou de ser linchado pelos heróis anônimos que o exibiram como troféu sangrado da sua corajosa e bem sucedida perseguição. Depois de costurado com 13 pontos no lábio arrebitado, está recolhido ao xadrez por ter sido preso em flagrante. Na verdade não houve flagrante. Mas um jovem negro, com *cara de assaltante*, sem advogado, não se discute. Vai para o xadrez, porque é *flagrante* que não pode ser boa coisa. E a jovem senhora que o reconheceu é branca e distinta. Gente boa. Não pode ter errado. Certamente, como de hábito, vai apanhar, para aprender. Se não aparecer um advogado, vai passar algum tempo

nas grades, porque é *flagrante* que merece. "Roubou uma bolsa, negro safado!" Se for solto, amanhã vai roubar uma bicicleta, mais tarde um carro, até chegar aos grandes golpes e abrir contas milionárias no exterior, quando então não se conseguirá mais prendê-lo.

Acontece que Rubens Sabino da Silva foi aplaudido por 3 milhões de pessoas, no Brasil e no exterior, como um dos atores coadjuvantes de "Cidade de Deus", o badalado filme de Fernando Meirelles. Nesse Rubens é o personagem Neguinho que mata o bandido Bené. Teve seu momento de glória. O diretor diz que o jovem tem talento, procurou ajudá-lo, mas a cabeça não é das melhores. Claro! Nasceu errado: negro e pobre, criado nas ruas da Lapa, no Rio. As marcas da infância sofrida se acumulam e permanecem, mais fortes do que as oportunidades tardias que lhe oferecem. A cor da pele não vai ajudá-lo a redirecionar sua vida machucada. A sempre disfarçada a cada momento desmascarada discriminação racial é cruel.

No mesmo jornal que descreve o triste episódio, estão as estatísticas do IBGE, órgão de governo, competente e imparcial. Dizem, por exemplo, que nem a maior escolaridade diminui a desigualdade entre brancos e negros ou pardos. Com igual nível de instrução, acima de 12 anos de escolaridade, o salário médio destes corresponde a menos de 70% do salário dos brancos. Entre os 10% de pobres mais pobres do país, 7 em cada 10 são negros ou pardos. Se não se considera essa escolaridade "elevada", os números ficam piores.



Os brancos ganham, em média, mais do dobro dos que têm pele diferente. Em Salvador, para espanto geral, os brancos ganham três vezes mais que os outros brasileiros de lá. Porto Alegre, ao contrário, dá lição de democracia racial. Nesses pagos do sul, a diferença de salários não zera mas fica nos 5%. Até mesmo os bem sucedidos que se tornam empresários e têm seu próprio negócio, confirmam a discriminação: empregadores negros ganham em média metade do que seus concorrentes brancos. É verdade que no futebol, os negros vão à forra... divinizados pelo talento especial e lançados às alturas por gordos contratos. Mas são tão poucos que não afetam as estatísticas reveladoras, que os colocam mais presentes em atividades profissionais menos estimulantes, mais pesadas e mal remuneradas.

Ora, é evidente que não se trata de diferenças naturais ou genéticas, de competência e capacidade de trabalho desiguais entre as raças. O que se constata é a herança social perversa que exige medidas compensatórias efetivas para a sua reversão. Por serem mais pobres desde os tempos em que eram vendidos nas praças públicas como mercadoria no comércio infame, a maioria dos negros nasce e se desenvolve em condições precárias de alimentação, cuidados de saúde, habitação e escolaridade. A pobreza é hereditária, neste modelo de economia regida pela competição segundo as leis de livre mercado, e agravada pela discriminação racial novamente desocultada. Acumula, assim, debilidades de difícil recuperação. Não pode competir com aqueles que nasceram em

berço esplêndido, entre mamadeiras enriquecidas com aditivos nutricionais, mães e tetas bem tratadas, babás solícitas, planos de saúde, creche, escolinha maternal, jardim de infância, pré-escola, colégios de qualidade e tudo o mais que deveria ser assegurado a todos mas somente desfrutado pelos que nasceram no "lugar certo".

É verdade que uns poucos, por artes da natureza, nascem na pobreza mas dotados misteriosamente de capacidades especiais e raras, vencem esses obstáculos de berço e despontam no cenário dos incluídos bem nascidos. É nesse cenário que a cor da pele atrapalha. Os números do IBGE são incontestáveis. Vão ser personagens de segundo time, ganhar menos, ser os primeiros demitidos cada vez que a empresa precisar "enxugar" seus quadros de pessoal... Também vão implicar com seus cortes de cabelo e trancinhas que não combinam com a imagem padrão consagrada de

personagens desse mundo branquela.

Programas de metas de ingresso de negros no serviço público e reservas de vagas em escolas e universidades públicas, de incentivo ao emprego de qualidade para negros e todas as possíveis medidas compensatórias de exceção podem parecer esquisitas mas são bem-vindas. Devem ser mantidas por tempo necessário e suficiente, por duas ou três gerações, para romper a cadeia hereditária da pobreza prevalente nesse espoliado grupo social de brasileiros.

Nos novos ares que começamos a respirar, surgem no Planalto sinais promissores. Temos ministros negros. E outros nascidos em berços pobres, como o presidente. Serão capazes de ver a realidade por olhos diferentes, ver o mundo pela ótica dos pobres, dos negros, dos excluídos.

É a condição necessária para mudanças neste quadro em preto-e-branco.



Há um período em que os pais vão ficando órfãos de seus próprios filhos. É que as crianças crescem independentes de nós, como árvores tagarelas e pássaros estabanados. Crescem sem pedir licença à vida. Crescem com uma estridência alegre e, às vezes, com alardeada arrogância.

Antes que seja tarde

Affonso Romano de Sant'Anna*

Socialites não sentem a disparada do dólar

Você já pensou em gastar US\$ 460 num aplique de cabelo, US\$ 3 mil em bolsas Louis Vuitton ou US\$ 33 numa garrafa de champanhe Veuve Clicquot? Pois há quem continue concretizando estes desejos, mesmo com o dólar nas alturas. Sem culpa. "Compro mesmo e não tenho vergonha. Não quero nem saber quanto o dólar está valendo", dispara a empresária de 39 anos. A socialite de Brasília, como gosta de ser chamada, não mede esforços quando o assunto é gastar. Aliás, perde a noção, como ela mesmo diz, mas admite que diminuiu algumas extravagâncias. Continua viajando para os Estados Unidos de dois em dois meses, nem que seja para comprar "um simples chaveiro Gucci". Além de não poupar, ela também não abre mão do estoque de champanhe e caviar e de apliques de cabelos "sagrados" importados da Índia. Wilma tem mais de 15 tipos, de todas as cores e tamanho. "Os indianos dizem que o cabelo é sagrado, por isso importo de lá. Gasto US\$ 800 em cada". Janaina Vilella, Repórter do JB - Trecho de reportagem.

Mas não crescem todos os dias, de maneira igual, crescem de repente. Um dia sentam-se perto de você no terraço e dizem uma frase com tal maturidade que você sente que não pode mais trocar as fraldas daquela criatura.

Onde é que andou crescendo aquela danadinha que você não percebeu? Cade a pazinha de brincar na areia, as festinhas de aniversários com

palhaços e o primeiro uniforme do maternal? A criança está crescendo num ritual de obediência orgânica e desobediência civil. E você está agora ali, na porta da discoteca, esperando que ela não apenas cresça, mas apareça! Ali estão muitos pais ao volante, esperando que eles saiam esfuziantes sobre patins e cabelos longos, soltos. Entre hambúrgueres e refrigerantes

nas esquinas, lá estão nossos filhos com o uniforme de sua geração: incomodas mochilas da moda nos ombros. Ali estamos com os cabelos esbranquiçados.

Esses são os filhos que conseguimos gerar e amar, apesar dos golpes dos ventos, das colheitas, das notícias e da ditadura das horas. E eles crescem meio amestrados, observando e aprendendo com nossos acertos e erros.

Principalmente com os erros que esperamos que não repitam.

Há um período em que os pais vão ficando um pouco órfãos dos próprios filhos. Não mais os pegaremos nas suas festas.

Passou o tempo. Saíram do banco de trás e passaram para os volantes de suas próprias vidas. Deveríamos ter ido mais à cama deles ao anoitecer para ouvirmos suas almas respirando conversas e confidências entre os lençóis da infância, e os adolescentes cobertores daquele quarto cheio de adesivos, posters, agendas coloridas e discos ensurdecedores. Eles cresceram sem que esgotássemos neles todo o nosso afeto. No princípio subiam a serra ou iam à casa de praia entre embrulhos, bolachas,

engarrafamentos, natais, páscoas, piscina e amiguinhos. Sim, havia as

- *Talvez não tenhamos aproveitado esse tempo propício de prática da afetividade. Ou, ao contrário, soubemos aproveitá-lo bem?*
- *Se a falta de tempo e excesso de trabalho atrapalharam, ainda será possível sair “em busca do tempo perdido”? (Este é o título de obra de Proust, um dos livros mais famosos na literatura de todos os tempos).*

brigas dentro do carro, a disputa pela janela, os pedidos de chicletes e cantorias sem fim.

Depois chegou o tempo em que viajar com os pais começou a ser um esforço, um sofrimento, pois era impossível deixar a turma e os primeiros namorados. Os pais ficaram exilados dos filhos. Tinham a solidão que sempre desejaram, mas, de repente, morriam de saudades daquelas “pestes”.

Chega um momento que nos resta ficar de longe torcendo e rezando muito (nessa hora, se a gente tinha desaprendido, reaprende a rezar) para que eles acertem nas escolhas em busca de felicidade. E que a conquistem do modo mais complexo possível.

O jeito é esperar: qualquer hora podem nos dar netos. O neto é a hora do carinho ocioso e estocado, não exercido nos próprios filhos e que não podem morrer conosco. Por isso os avós são tão desmesurados e distribuem tão incontrolável carinho. Os netos são a última oportunidade de reeditar nosso afeto. Por isso é necessário fazer alguma coisa a mais, antes que eles cresçam.

*Excerto



A morte do Papa

Ao completar 83 anos, João Paulo II manifestou que pressente aproximar-se o dia em que prestará contas a Deus. Quebrou, assim, um tabu cada vez mais arraigado em nossa cultura: a de que a morte é uma fatalidade, não um destino. Não apenas fugimos do tema, como já não realizamos o rito de passagem que tanto presenciei em minha infância, em Minas: a agonia, o falecimento, o velório em casa, a missa de corpo presente e, depois, a de sétimo e trigésimo dias.

Hoje, a morte é quase uma falta de educação, fadada à clandestinização. Morre-se no hospital e, às pressas, faz-se o velório na sala do cemitério e, sem choro nem vela, nem fita amarela ou a preta do luto, enterra-se. Nessa cultura da glamourização das formas, orgulhosa de ter descoberto o elixir da eterna juventude, assegurada por academias de ginástica e tratamentos sofisticados, tornam-se socialmente vergonhosas a gordura e a velhice. Os cabelos brancos são tingidos; as rugas, disfarçadas ou esticadas; a idade, camuflada. Estamos todos convidados a morrer esbeltos e sarados, sem uma celulite, já que, por enquanto, a imortalidade só existe em liceus literários.

João Paulo II foi capaz de repetir, corajosamente, o prenúncio de Jesus: “Deixo o mundo e vou para o Pai” (João 16, 28). Entre tantos apegos, inclusive mesquinhos, como a cargos e funções, admitir a própria morte é, no mínimo, um ato de humildade, no sentido etimológico do termo, de húmus, pôr os pés na terra, sabendo que desta vida só carregamos o que trazemos dentro. O nosso ser. O ter fica para os herdeiros, pesado tributo daqueles que dedicaram grande parte de suas vidas a acumular bens, sem provar o gosto da partilha, nem se dar o direito de percorrer seus caminhos interiores.

Frei Betto, autor de “Alfabeto Autobiografia Escolar”

O álcool é a pior droga. A mais disseminada. Mata mais, infelicita mais, desagrega mais as famílias do que todas as outras somadas e multiplicadas por dez. A dependência ao álcool é tão potente como a dependência às outras drogas. No entanto, goza de *status*, a venda é livre, merece até apelidos carinhosos: cachacinha, cervejinha...

A droga das drogas

Helio Amorim

A alfândega não barra o whisky do turista, o fabricante e sua indústria de morte são disputados pelos estados como grandes contribuintes de impostos, e quem vende não é preso a menos que o comprador seja adolescente. A propaganda é permitida, sempre associada às coisas boas da vida, na tela da TV, entrando em casa alheia sem pedir licença.

No entanto, vamos repetir mil vezes: é a droga mais destrutiva, uma praga ou endemia mortal espalhada por todos os recantos do país.

E nas pequenas cidades, proporcionalmente, bebe-se mais que nas grandes. O bar é o ponto de encontro de jovens que se gabam do seu pileque como ritual de auto-afirmação, na véspera da dependência sem retorno.

Agora, uma novidade, primor de sadismo: para a iniciação dos adolescentes à futura dependência garantindo o mercado gordo nas novas gerações, surgem os refrigerantes batizados com rum ou vodka, com baixo teor de veneno para driblar a lei e permitir que a garotada beba à vontade.

Com o tempo, o baixo teor vai primeiro tornar-se necessário e depois insuficiente. É dada a partida

para a corrida que vai terminar mal. Alguns escaparão, por defesas naturais, físicas ou psíquicas. Outros não encontrarão a saída. Poucos destes serão resgatados, com enorme esforço e sacrifício, pelos AAs, aqueles benditos grupos de alcoólicos anônimos.

Além de destruir a pessoa e a família por dentro, o álcool é o responsável pela maioria dos acidentes de trânsito e de trabalho, que resultam em mortes e mutilações de corpos no asfalto, nas máquinas das fábricas e nos andaimes das obras.

Não dá para proibir, naturalmente. Uma lei seca geraria banditismo, como acontece com as drogas chamadas "pesadas" (ao contrário da cerveja, cuja "leveza" é exaltada pela propaganda). Mas dá para coibir o consumo, proibir totalmente a glamorosa propaganda, aumentar escandalosamente o imposto, investir forte na contra-propaganda, incluir informação sobre essa praga nacional nos

currículos escolares, para derrubar aos poucos o prestígio da bebida.

O que se gastar nessa guerra resultará em enormes benefícios humanos mas também retornará financeiramente multiplicado em forma de economia na saúde pública, aumento da produtividade no trabalho, redução de acidentes fatais.

As outras drogas, as tais "pesadas", são terríveis mas, felizmente, muito menos disseminadas. As mortes que produzem são muito mais as de traficantes pela disputa de territórios e pontos de venda do que por overdose ou atos criminosos de viciados enlouquecidos. Por isso, surge a cada momento a proposta de fornecimento gratuito da droga ao dependente cadastrado, com a contra-partida da aceitação de terapia igualmente oferecida.

Essa medida, que, naturalmente, exigiria enorme prudência e controle rigoroso, desbarataria o tráfico, pela brusca queda da demanda. Haveria menos mortes por disputas entre bandos e por balas perdidas nas batidas policiais. Só sobreviveriam no narconeócio os fernandinhos que comandam redes de tráfico internacional envolvendo países onde o droga proibida continua sendo o mais lucrativo negócio do mundo, fornecendo dinheiro a rodo para armar o crime organizado.

Mas não podemos dissociar estes problemas das drogas do estilo de

vida e relações humanas que se foi modelando nessa sociedade consumista e desigual em que estamos mergulhados. Onde convivem e se defrontam excluídos e incluídos, onde os que esbanjam e ostentam esbarram nas ruas com os famintos, onde faltam perspectivas e esperanças de sobrevivência digna para uns, e sobram fastio e desencanto em outros, as fugas são inevitáveis. O ódio de classes se torna visível. O faminto vai descobrir-se espoliado e buscará uma distribuição mais justa de riqueza pelo cano da arma apontada para a cabeça do motorista. O álcool ou a droga lhe darão a coragem necessária.

No outro extremo, o desencanto do jovem que nunca precisou trabalhar, nada lhe faltou jamais na vida

e, sem qualquer esforço, ganha o carro do pai aos dezoito anos, sem valores e projetos por que lutar, só pensa na sempre frustrante busca de emoções efêmeras que a droga leve ou pesada lhe oferece. Terminará estendido na rua ao lado do poste derrubado na madrugada.

Entre carências e desencantos de hoje, será preciso descobrir como construir uma sociedade nova, justa e solidária, na qual valores humanos perdidos sejam recuperados.

Que o prazer de viver seja servido a todos, com abundância, no café da manhã. E o resultado da prática humanizadora do cotidiano seja o travesseiro macio do final de cada dia.

* MFC - Editor de Fato e Razão

- *Bebe-se muito na nossa cidade? Há casos conhecidos de famílias atingidas pelo alcoolismo?*
- *Jovens são envolvidos? Bebidas são servidas a menores, nos bares?*
- *As famílias costumam ter bebida em casa, em bandejas de garrafas e copos, como nos filmes americanos?*
- *Funcionam na cidade grupos de AA (Alcoólicos Anônimos)?*
- *Se este é um problema familiar e social em nossa cidade, há algo que se possa fazer?*

Fique por dentro: leia e assine Rede

uma análise mensal da conjuntura política, econômica, social e eclesial - nacional e internacional.

Escrevem Andrea Paes Alberico, Beatriz Lorenzini, Frei Betto, Frei João Xerri, Guilherme Delgado, Helio Amorim, Jether Ramalho, João Whitaker Ferreira, Leonardo Boff, Lilia Azevedo, Marcelo Barros, Marco Antonio, Marieta Sampaio, Moema Miranda, Pastor Edson Almeida, Plínio Arruda Sampaio, Rubem Alves, Selma Amorim, Pe. Virgílio Uchoa.

Basta telefonar para a Rede de Cristãos das Classes Médias, dar nome e endereço e receber instruções sobre a forma mais cômoda de pagamento. Tel (0**24) 2242-6433

Poema

Um dia, de repente,
me vi no mundo teu,
tanta era a beleza,
extasiada fiquei.

E tão sem jeito me vi
que esqueci a canção,
meu coração em silêncio
buscava, em ti, o refrão

Um dia - maravilha !
te vi, no mundo que é teu
perdida no azul do céu
em pássaro me tornei.

Corpo em cruz, planando
livre,
reencontrei a canção.
Tua voz, quase inaudível,
cantava em meu coração.

Beatriz Reis

Você viu o filme "Chocolate"? Interessante para uma análise sobre "Sacramento do Matrimônio", além de proporcionar delírios em quem é tarado pela guloseima.

Sacramento do Matrimônio

... e o filme "Chocolate"

Deonira L. Viganó La Rosa

Temos meditado sobre experiências que vivemos meu marido e eu, com alguns grupos e movimentos de Igreja que nos convidam para coordenar encontros. Muitas foram as vezes em que ouvimos: "Desse grupo só podem participar casais *regulares*, que receberam o *sacramento do matrimônio*. Ou que, pelo menos, tenham marcado data para receber o sacramento".

Casais *regulares*? No filme em questão, a cidade se une contra a *chocolateira*, porque não segue os ritos cristãos da cidade, tem uma filha, ainda que não esteja *regularmente casada* e, ainda, vende chocolates na quaresma. Há, também, um escândalo na cidade quando uma mulher foge de casa porque é dominada e apanha do marido. Alega-se que ela está unida ao marido pelo *sacramento do matrimônio*. Esses e outros quadros do filme podem retratar o cotidiano de alguns de nós. Por vezes, casais que praticam a infidelidade ou a violência doméstica são tidos por *regulares*, já que estão assegurados pelo sacramento do matrimônio. Como se houvessem recebido, num passe de mágica, a dignidade e o direito de serem chamados de *regulares*. Ao contrário, são discriminadas pessoas honradas, cheias de solidariedade, ternura e amor, porque estão em situação *diferente* da tradicional.

O hábito de categorizar as pessoas conduz à discriminação, dificulta qualquer dinâmica grupal, fortalece a rigidez e impede que se percebam as inúmeras bondades do outro. Seria proveitoso lembrar que cada ser humano tem seus problemas, seus acertos

Cresce em sacramentalidade o casal que, acreditando na força da graça, investe muita energia para que seu relacionamento diário seja expressão do amor.

e seus tropeços. E não pode ser uma minoria, por mais privilegiada que se sinta, *que* decidirá quem está mais belo ou mais feio que os outros. Quem pisa no outro, pisa na

E por falar nisso...

Quer (re)conquistar sua mulher?

Comece por escutá-la. A reclamação mais freqüente das mulheres em relação aos homens é de que eles não as escutam.

extensão do seu próprio eu. Nunca, durante sua vida mortal, Jesus de Nazaré fez distinção entre *regulares* e *irregulares*, *normais* e *anormais*. Pelo contrário, às vezes, com gesto provocador, exaltava a quem a sociedade do seu tempo ou as convenções sociais consideravam e tratavam como *diverso*. Santo Agostinho era muito claro a respeito do casamento. Dizia, por exemplo, que se entrava em uma casa e via que um homem e uma mulher se amavam de verdade, não precisava perguntar-lhes se estavam casados, porque o sacramento do amor os unia; mas se, ao contrário, via que se detestavam, por mais sacramentos que tivessem recebido, aquele homem e aquela mulher não estavam casados.

Cresce em

SACRAMENTALIDADE aquele casal que, acreditando na força da graça, investe muita energia para que seu relacionamento diário seja expressão do amor. Assim, dará ao mundo um grande SINAL: "Deus é AMOR e ama a humanidade com uma fidelidade inquebrantável". Certamente, esse casal conviverá bem com os *diferentes* e não aceitará fazer juízos a seu respeito.

A mulher contemporânea tem uma tremenda necessidade de falar sobre seus sentimentos e de ser ouvida para poder enfrentar seu estresse gerado pelo excesso de

trabalho, dificuldades com filhos, salário injusto. Para a mulher, falar é uma libertação, seja num arroubo poético, seja sobre trabalho, fofocas, o que as crianças fizeram no dia, ou declinando reclamações catárticas.

A mulher precisa ter alguém com quem conversar. Se ela não consegue conversar com você, será com outra pessoa, outro homem, e isso pode fazer com que sinta atração sexual por quem a está escutando. Uma das principais causas da infidelidade feminina, muito maior do que a insatisfação com as técnicas sexuais do seu parceiro, é a falta de compreensão e a ausência de alguém com quem falar. Ela quer falar sobre sua vida, opiniões, sentimentos, medos e fantasias. Você pode estar muito ocupado trabalhando, jogando tênis

ou futebol, assistindo TV, digitando, lendo o jornal, bebendo, ou você próprio falando. Outro homem que a escute pode virar seu amante. Portanto, se você quiser uma vida amorosa decente, saiba que sua companheira primordial precisa sentir-se ouvida e compreendida não por uns instantes, mas continuamente. E mesmo que você tenha dificuldade, escute!

Escute para apoiar. Apoio significa escutar suas esperanças, sonhos, temores e inseguranças com uma compreensão real, não somente com um "hã, hã" distraído. Apoio significa deixá-la chorar, até gritar, oferecendo conforto, mas não conselhos, a menos que ela peça. Apoio significa ela saber que não há perigo em compartilhar seus sentimentos verdadeiros. Apoio significa não se apressar em julgá-la.



Dialogar sempre para chegar amorosamente unidos e dialogantes quando o companheirismo afetivo seja definitivamente a maior conquista da vida.

ou "salvá-la" ou resolver seus problemas", a menos que ela peça ajuda. Apoio significa escutar sem julgar, ansiedade ou desaprovação. Isso não é fácil, mas se você se enturecer quando ela contar o que sente, ela não se sentirá segura em compartilhar seus sentimentos com você.

Se você tenta escutá-la, mas na maior parte do tempo só quer

realmente que ela se cale, provavelmente você não deveria estar com ela. Se não quer perdê-la, decida-se a escutá-la. Escute para aprender tudo sobre ela, inclusive seus desejos sexuais. E esteja seguro, se você conversar com ela e a escutar, ela nunca deixará de falar com você.

*Deonira Viganó La Rosa é Terapeuta de Casal e Família. Mestre em Psicologia
E-mail: jordeon@orion.ufrgs.com.br

- Como vai o diálogo lá em casa? Alguém não está sendo ouvido, ouvida? Alguém nem percebe que isso está acontecendo?
- Como se costuma "justificar" a falta de diálogo atento?
- É difícil aprender a ouvir? É possível aprender? Como começar?

Como criar um INFA - Instituto da Família na sua cidade.

O MFC precisava de uma instituição capaz de manejar problemas pessoais e de relacionamento conjugal e familiar, não apenas amadoristicamente como tentava fazer, mas com profissionalismo, sem que se perdesse a inspiração original e o seu carisma como movimento de laicos cristãos, comprometidos com a construção do Reino de Deus, a partir das famílias. Assim, em 1971 surgiu no Rio de Janeiro o INFA - Instituto da Família.

A instituição foi concebida como uma organização laica, não confessional, para que profissionais bem formados, criteriosamente selecionados, se sintam sempre livres para atuar de acordo com seu saber e consciência, sem condicionamentos que pudessem influir no seu desempenho ético e responsável. Controlada por uma Assembléia de membros do MFC, garante-se a inspiração original e um exemplar desempenho dos profissionais que atuam na instituição.

O INFA se expandiu, ao longo dessas três décadas. Tem hoje 3 Centros de Atendimento, com um total de 18 consultórios, onde atua uma equipe de cerca de 70 profissionais, oferecendo a pessoas carentes, basicamente, psicoterapia, psicopedagogia e fonoaudiologia, com mais de 600 clientes atualmente em terapias diversas. Cada ano realiza mais de 30 mil sessões de terapia.

O INFA está à disposição de outros núcleos do MFC que se interessarem, para orientar a criação de um INFA em sua cidade.

Cartas para a sede do INFA: Rua Alzira Brandão, 459 - CEP 20520-070 Rio de Janeiro - RJ.

Intelectuais comprometidos com a paz e a justiça classificam o "fator Deus" como um dos elementos responsáveis pela desumanização do mundo e pela proliferação das guerras e da violência.

Ventania divina

Marcelo Barros*

É um desafio lançado a toda pessoa que crê: testemunhar que o Espírito Divino é fonte de paz, amor, justiça e cuidado com a terra. Pentecostes ou a festa do Divino que celebramos a cada ano recorda isso. Grupos de Folia do Divino e de outras devoções recordam: o próprio Deus fez uma aliança de intimidade conosco. Entrou na nossa vida e, por isso, esta pode mudar.

Enquanto você lê estas linhas, em algum lugar do mundo, uma pessoa falece. Muitas dessas mortes são provocadas por violências e guerras que, no início do século XXI, sofisticam mais as formas de matar. O presidente dos Estados Unidos decidiu ressuscitar

o programa nuclear americano, desativado há anos. No mundo, existem ainda 60 mil bombas atômicas, estocadas e prontas para explodir. O governo americano conseguiu demitir o diplomata brasileiro José Maurício Bustamante da direção da Organização para a Proibição das Armas Químicas (Opaq), em Haia, porque ele queria investigar instalações de fábricas de armas químicas nos Estados Unidos. O Dalai Lama conclui: "No

últimos 400 anos, o ser humano adquiriu um imenso poder técnico, mas não parece ter acumulado nenhuma sabedoria".

Todas as religiões se defrontam com doenças como o fundamentalismo e o fanatismo em certas categorias de crenças. O próprio dogmatismo já leva cada crença a se considerar a única legítima e verdadeira, com contratos de exclusividade assinado com Deus. A espiritualidade ecumênica nos recorda o que Serafim de Sarov, espiritual russo do século passado, ensinava: "O verdadeiro objetivo da vida espiritual é adquirir o Espírito de Deus".

O Espírito Divino diviniza a humanidade inteira e faz de toda pessoa aberta ao amor, sacerdote e criatura nova. O nosso olhar deve estar suficientemente atento às



estar aberto e interessado vivamente no diálogo inter-religioso é um sinal de maturidade na fé, reconhecendo que o Espírito de Deus habita e se faz presente em todas as culturas e religiões que pregam o amor e a paz nas relações entre os homens e nações.

profundezas misteriosas onde o Espírito habita. Então, o reconheceremos presente em todas as culturas e religiões e Ele nos inspirará no caminho da paz e da comunhão com o universo. Como diz Paulo: "O próprio amor

de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 5, 5).

*Monge beneditino, autor de 25 livros, dos quais o mais recente é "O Espírito vem pelas águas". Ed. Rede. Fax: 062- 3721135. Email: mostecum@cultura.com.br

- Temos alguma participação no diálogo inter-religioso na nossa cidade?
- Ações conjuntas de promoção humana e celebrações ecumênicas são possibilidades de aproximação fecunda de crenças de diferentes confissões religiosas? É possível promovê-las em nossa cidade?

A televisão não dará certo. As pessoas terão que ficar olhando para sua tela e a família americana não tem tempo para isso."

The New York Times, 18 de abril de 1939, quando da apresentação de um programa de aparelho de TV

Ainda a questão do Celibato obrigatório

Eduardo Hoornaert*

Diante da divulgação recente de repetidos casos de pedofilia praticada por sacerdotes e até bispos católicos, é preciso penetrar no âmago da questão e não parar no meio do caminho. Não basta criminalizar os padres pedófilos como se fossem 'maus sacerdotes', 'possuídos pelo demônio', que 'maculam a imagem da igreja'. Não basta ser mais rigoroso em termos de seleção e formação sacerdotal. Não adianta tampouco dramatizar as coisas, o que acaba alimentando o sensacionalismo. É preciso ir mais longe e tentar descobrir as condições concretas que facilitam os abusos sexuais.

Essas condições são criadas pela lei do celibato, que só permite o acesso ao sacerdócio católico aos que se comprometem a não exercer nenhuma atividade sexual. Chegamos atualmente a um ponto em que a lei do celibato cria uma ambientação propícia à proliferação de irregularidades sexuais.

Nem sempre foi assim. Num ensaio que acaba de sair pela editora Paulus analiso o comportamento sexual de uma comunidade cristã dos inícios do século II. Aí não há vestígio de lei do celibato, embora exista muito rigor em torno da vida

sexual. A condenação do adultério masculino (o feminino já era condenado pela lei judaica anterior) por exemplo, é uma inovação cristã.

A lei do celibato é posterior, tem como intenção não explícita traçar uma fronteira clara entre o clero e o laicato. Tem caráter nitidamente corporativo. Nos tempos do esplendor da igreja católica, os atrativos para o celibato eram grandes. Muitos optaram em troca a vida sexual por uma vida de honrarias e poder eclesiástico. Da arrogância clerical e o desprezo pela vida leiga nos círculos eclesiásticos.

Hoje um número crescente de católicos percebe que essa lei é uma violência contra um dos fundamentais direitos humanos. Não o celibato mas a lei do celibato, que pode ser considerada uma afronta ao Deus da vida, um sacrilégio. Pois é preciso considerar que essa lei, ao longo dos tempos, matou muita gente, tanto no plano psíquico como no físico. Só que antigamente não se falava do assunto. Até hoje, muitos sacerdotes assumem uma atitude tensa e dramática diante de sua própria sexualidade, não conseguem viver a sexualidade com naturalidade. Nos casos recentes impressiona o tom dramático em que os casos são comentados. No caldo cultural que se criou dentro da igreja, o ideal

do sexo é tão ligado à idéia do pecado que a manutenção da lei do celibato passa a funcionar como necessária para a sustentação da igreja e de sua honra, e que sua ausência pode passar por cima de um comportamento sincero, honesto, franco. Muitos se comprem lamentavelmente.

Tudo isso vem à tona nos dias de hoje, depois de séculos de silêncio. Não se pode, contudo, criar ilusões quanto ao exame profundo dessa questão no atual papado. Na sequência dos papados recentes, o papa João Paulo II deve ser caracterizado como tradicionalista, em contraste com dois governos anteriores, o do papa João XXIII e Paulo VI, mais liberais. O atual papa quer manter a disciplina antiga, o que nem sempre é a melhor solução. Pois o mundo

muda e é preciso acompanhar os tempos de hoje. Aos católicos que aguardam um exame profundo dessa questão resta preparar ativamente o próximo pontificado criando dentro da igreja uma opinião pública favorável às mudanças. Outra possibilidade que vem sendo ventilada hoje é a da convocação de um concílio ecumênico com a finalidade de se ajustar a igreja ao mundo de hoje.

** Eduardo HOORNAERT nasceu na Bélgica e veio em 1958 para o Brasil, já formado em História. Como sacerdote lecionou em diversos institutos teológicos da igreja católica, sucessivamente em João Pessoa, Recife e Fortaleza. Casou-se em 1982 e ensinou História na Universidade Federal da Bahia. Atualmente faz pesquisas em torno das origens do cristianismo. É autor de diversos livros sobre história do cristianismo, publicados pelas Edições Vozes e Paulus.*

Há uma cidade partida. De um lado das ruas, vida modesta ou mais das vezes pobreza, miséria e fome. Gente trabalhadora, honesta e mal paga, quando tem emprego. Nesse lado brota mais solidariedade que na outra metade da cidade partida.

Cidade partida

Se a casa precisa crescer, tem mutirão de vizinhos com churrasquinho no domingo, para "bater" mais uma laje. Se o deslizamento de terra derruba a casa, tem sempre acolhida generosa: "onde dormem quatro dormem oito, ora!" Se a mãe morreu os vizinhos adotam as crianças. O enterro sai da coleta magra, sem a pompa dos enterros que do outro lado das ruas se chamam féretros. Quem tem pouco reparte melhor do que quem tem muito. Por isso, repartindo o pouco possuído e o muito sofrido, vivem todos no seu jeito de viver. Também vivem por lá alguns moços mal comportados. São poucos, muito poucos. Por falta de escola e emprego ficam inventando coisas que não deviam acontecer. Esperando que caia do céu algum dinheiro para comprar o ícone do prestígio local: um nike ou, pelo menos, um reebok. E assim,

segue a vida, mais sofrida que vivida, aliviada pela cervejinha das noites de sábado na biroscas, com algum violão boêmio que às vezes aparece. Não dá para abusar porque a loura gelada de colarinho está cara e o dinheiro cada vez mais curto.

Do outro lado da cidade partida vida abastada, gente rica, bem vestida, de quatro rodas muito usadas e duas pernas preguiçosas. Moram igualmente amontoadas mas com maior elegância. Comem demais e fazem regime para emagrecer.

Têm muitas coisas e sempre querem mais coisas. Para isso tem que trabalhar mais. De tanto trabalhar e correr na afobação de desfrutar de tudo que o dinheiro compra, é gente estressada, que vai esquecendo de certas necessidades humanas mais importantes.

Solidariedade parece bem rara. As pessoas preferem se isolar nos seus pequenos feudos domésticos para "não se envolver com vizinhos", pelo risco de pedirem coisas emprestadas e "se meterem na vida da gente".

Algumas pessoas desse lado das ruas também não são bem comportadas. Mais das vezes são jovens. A abundância e a ociosidade, a alienação e o consumismo, a falta de relações

Helio e Selma Amorim'



afetivas e diálogo com pais sempre ocupados em ganhar mais para consumir mais, a falta de ideais senão o de preparar-se para conseguir manter no futuro os privilégios do padrão de vida de hoje... acabam em fastio, desencanto e ansiedade para alguns. Esses alguns descobriram um pó branco que cheirado ou metido nas veias alivia essa sensação de estar num buraco negro de alguma distante galáxia. Na demanda desse pó, teria que surgir a oferta correspondente, pelas sagradas leis do divino mercado. Mercadoria cara. A oferta requer capital. É coisa de investidor de alta musculatura, que vive do mesmo lado das ruas, do lado de quem quer comprar e pode pagar.

Mas a polícia não deixa vender no balcão. O jeito é buscar um vendedor intermediário desocupado, que queira ganhar bem e possa se esconder da polícia em becos e labirintos escuros. Nos condomínios de luxo fica difícil. Já sabe onde esse intermediário está. No outro lado das ruas, o lado dos becos e labirintos, naturalmente. O comércio é rendoso, dá para pagar bem o moço que está querendo o nike e até comprar fuzis e metralhadoras para equilibrar o poder do intermediário com o do repressor incômodo. Dá mesmo para comprar o repressor, acabar com a perseguição e o comércio prosperar.

Está montado o cenário e contratados os atores para a peça. Que só é possível pelo êxito de bilheteria, na procura sôfrega pelos ingressos caros. No palco, gentes de um dos lados das ruas. Na platéia e nos bastidores, gentes do

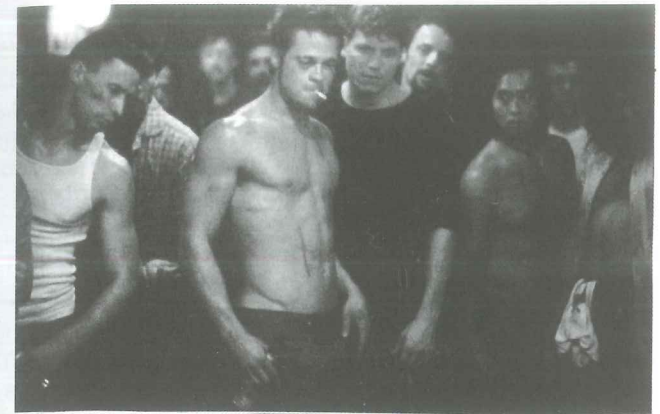
outro lado das ruas. A peça não tem enredo. Vale a improvisação com um mínimo de organização subterrânea. Os atores são apenas instruídos pelos empresários invisíveis dos bastidores para vender pó e defender a pele, não mais com unhas e dentes mas escopetas e granadas.

Resulta uma peça violenta quando repressores descontentes com as mesadas oferecidas resolvem perturbar o próspero comércio. Ou se outro empresário quer apresentar a sua trupe no mesmo palco. Por isso a alta rotatividade no elenco.

Fora daquele palco e da platéia está a gente boa do lado de lá, a que não gosta da peça e nem tem como pagar o ingresso, embora conheça os atores que moram ao lado. Tanto os que ainda estão em cena como os que já se foram de vez, com tristes flores jogadas nos sete palmos de terra que lhe tocaram. Também não estão na platéia os do lado de cá, que vivem nas nuvens e preferem não acreditar que o espetáculo está acontecendo.

O êxito crescente da peça trágica e a maldita ambição dos que querem agora disputar a platéia por inveja da prosperidade daqueles que chegaram antes, acabam em teatro interativo. Palco e platéia se fundem, os atores circulam pelos corredores e o governador diz que já não se consegue controlar esses modernismos cênicos. Põe a culpa da desordem na metade da cidade que está do outro lado das ruas. Manda ocupar becos e invadir as casas dos que nem foram ao teatro por não gostar da peça, aqueles que nem teriam como comprar o ingresso. Diz que é difícil proteger

Os atores são apenas instruídos pelos empresários invisíveis dos bastidores para vender pó e defender a pele, não mais com unhas e dentes mas escopetas e granadas.

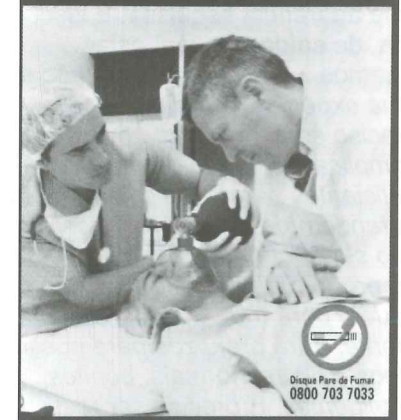


para as ruas dos que não quiseram acreditar na peça em cartaz. Fingindo não saber quem paga e garante o sucesso da bilheteria.

* Membros do MFC e editores da Revista "Fato & Razão" do Movimento Familiar Cristão/MFC.

O Ministério da Saúde adverte:

FUMAR CAUSA INFARTO DO CORAÇÃO



Disque Pare de Fumar
0800 703 7033

Carta aos pais

Rubem Alves*

Também sou pai e portanto compreendo. Vocês querem o melhor para o filho, para a filha. A melhor escola, os melhores professores, os melhores colegas. Vocês querem que filhos e filhas fiquem bem preparados para a vida. A vida é dura e só sobrevivem os mais aptos. É preciso ter uma boa educação.

Compreendo, portanto, que vocês tenham torcido o nariz ao saber que a escola ia adotar uma política estranha: colocar crianças deficientes nas mesmas classes das crianças normais. Os seus narizes torcidos disseram o seguinte: *Não gostamos. Não deveria ser assim!* O problema começa com o fato de as crianças deficientes serem fisicamente diferentes das outras, chegando mesmo, por vezes, a ter uma aparência esquisita. E isso cria, de saída, um mal-estar... digamos... estético. *"Vê-las não é uma experiência agradável. É preciso se acostumar..."* Para complicar há o fato de as crianças deficientes serem mais lerdas: elas aprendem devagar. As professoras vão ser forçadas a diminuir o ritmo do programa para que elas não fiquem para trás. E isso, evidentemente, trará prejuízos para nossos filhos e filhas, normais, bonitos, inteligentes. É preciso ser realista; a escola é uma maratona para se

passar no vestibular. É para isso que elas existem. Quem fica para trás não entra... O certo mesmo seria ter escolas especializadas, separadas, onde os deficientes aprenderiam o que podem aprender, sem atrapalhar os outros".

Se é assim que vocês pensam eu lhes digo: Tratem de mudar sua maneira de pensar rapidamente porque, caso contrário, vocês vão colher frutos muito amargos no futuro. Porque, quer vocês queiram ou não, o tempo se encarregará de fazê-los deficientes.

É possível que na sua casa, num lugar de destaque, em meio às peças de decoração, esteja um exemplar das Escrituras Sagradas. Via de regra a Bíblia está lá por superstição. As pessoas acreditam que Deus vai proteger. Se assim fosse, melhor que seguro de vida seria levar uma Bíblia sempre no bolso. Não sei se vocês a lêem. Deveriam. E sugiro um poema sombrio, triste e verdadeiro do livro de Eclesiastes. O autor, já velho, aconselha os moços a pensar na velhice. *Lembra-te do Criador na tua mocidade, antes que cheguem os dias das dores e se aproximem os anos dos quais dirás: "Não tenho mais alegrias..."* Antes que escureça a luz do sol, da lua e das estrelas e voltem as nuvens depois da chuva... Antes que os guardas da casa comecem a tremer e os homens fortes a ficar curvados... Antes que as mós sejam poucas e pararem de moer... Antes que a escuridão envolva os que olham pelas janelas... Antes que as pessoas se levantem com o canto dos pássaros... Antes que cessem todas as canções... Então se lembre



medo das alturas e se terá medo de andar nos caminhos planos... Quando a amendoeira florescer com suas flores brancas, quando um simples gafanhoto ficar pesado e as alcaparras não tiverem mais gosto... Antes que se rompa o fio de prata e se despedace a taça de ouro e se quebre o cântaro junto à fonte e se parta a roldana do poço e se volte à terra... Brumas, brumas, tudo são brumas... (Eclesiastes 12: 1-8)

Os semitas eram poetas. Escreviam por meio de metáforas. Metáfora é uma palavra que sugere uma outra. Tudo o que está escrito nesse poema se refere a você, a mim, a todos. Antes que se escureça a luz do sol... Sim, chegará o momento em que os seus olhos não verão como viam na mocidade. Os seus

braços ficarão fracos e tremerão no seu corpo curvo. As mós – seus dentes – não mais moerão por serem poucos. E a cama pela manhã, tão gostosa no tempo da mocidade, ficará incômoda. Você se levantará tão cedo quanto os pássaros e terá medo de andar por não ver direito o caminho. É preciso ser prudente porque os velhos caem com facilidade por causa de suas pernas bambas e podem quebrar a cabeça do fêmur. Pode até ser que você venha a precisar de uma bengala. Por acaso os moinhos pararão de moer? Não, os moinhos não param de moer. Mas você parará de ouvir. Você está surdo. Seu mundo ficará cada vez mais silencioso. E conversar ficará penoso. Você verá que todos estão

rindo. Alguém disse uma coisa engraçada. Mas você não ouviu. Você rirá, não por ter achado graça, mas para que os outros não percebam que você está surdo. Você imaginou uma velhice gostosa. E até comprou um sítio com piscina e árvores. Ah! Que coisa boa, os netos todos reunidos no "Sítio do Vovô", nos fins de semana! Esqueça. Os interesses dos netos são outros. Eles não gostam de conviver com deficientes. Eles não aprenderam a conviver com deficientes. Poderiam ter aprendido na escola mas não aprenderam porque houve pais que protestaram contra a presença dos deficientes.

A primeira tarefa da educação é ensinar as crianças a serem elas mesmas. Isso é extremamente difícil. Fernando Pessoa diz: *Sou o intervalo entre o meu desejo e aquilo que os desejos dos outros fizeram de mim*. Frequentemente as escolas esmagam os desejos das crianças com os desejos dos outros que lhes são impostos. O programa da escola, aquela série de saberes que as professoras tentam ensinar, representa os desejos de um outro, que não a criança. Talvez um burocrata que pouco entende dos desejos das crianças. É preciso que as escolas ensinem as crianças a tomar consciência dos seus sonhos!

A segunda tarefa da educação é ensinar a conviver. A vida é convivência com uma fantástica variedade de seres, seres humanos, velhos, adultos, crianças, das mais variadas raças, das mais variadas culturas, das mais variadas línguas, animais, plantas, estrelas... Conviver é viver bem em meio a essa

diversidade. E parte dessa diversidade são as pessoas portadoras de alguma deficiência ou diferença. Elas fazem parte do nosso mundo. Elas têm o direito de estar aqui. Elas têm direito à felicidade. Sugiro que vocês leiam um livrinho que escrevi para crianças, faz muito tempo: *Como nasceu a alegria*. É sobre uma flor num jardim de flores maravilhosas que, ao desabrochar, teve uma de suas pétalas cortada por um espinho. Se o seu filho ou sua filha não aprender a conviver com a diferença, com os portadores de deficiência, e a ser seus companheiros e amigos, garanto-lhes: eles serão pessoas empobrecidas e vazias de sentimentos nobres. Assim, de que vale passar no vestibular?

Li, numa cartilha de curso primário, a seguinte estória: Viviam juntos o pai, a mãe, um filho de 5 anos, e o avô, velhinho, vista curta, mãos trêmulas. Às refeições, por causa de suas mãos fracas e trêmulas, ele começou a deixar cair peças de porcelana em que a comida era servida. A mãe ficou muito aborrecida com isso, porque ela gostava muito do seu jogo de porcelana. Assim, discretamente, disse ao marido: *Seu pai não está mais em condições de usar pratos de porcelana. Veja quantos ele já quebrou! Isso precisa parar...* O marido, triste com a condição do seu pai mas, ao mesmo tempo, sem desejar contrariar a mulher, resolveu tomar uma providência que resolveria a situação. Foi a uma feira de artesanato e comprou uma gamela de madeira e talheres de bambu para substituir a porcelana. Na primeira refeição em que o pai

comeu na gamela de madeira com garfo e colher da bambu o netinho estranhou. O pai explicou e o menino se calou. A partir desse dia ele começou a manifestar um interesse por artesanato que não tinha antes. Passava o dia tentando fazer um buraco no meio de uma peça de madeira com um martelo e um formão. O pai, entusiasmado com a revelação da vocação artística do filho, lhe perguntou: *O que é que você está fazendo, filhinho?* O menino, sem tirar os olhos da madeira, respondeu: *Estou fazendo uma gamela para*

quando você ficar velho...

Pois é isso que pode acontecer: se os seus filhos não aprenderem a conviver numa boa com crianças e adolescentes portadores de deficiências eles não saberão conviver com vocês quando vocês ficarem deficientes. Para poupar trabalho ao seu filho ou filha sugiro que visitem uma feira de artesanato. Lá encontrarão maravilhosas peças de madeira...

**Psicanalista, escritor. Extraído do Correio Popular, 09/02/03.*

Essa política está implantada na nossa cidade? Se está, tem sido aceita por todos? É pertinente o que adverte o autor desta carta aos pais?

Cada família do MFC - uma assinatura por ano!

Este é um novo compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias

VENDA OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO UMA ASSINATURA DE

fato
e razão

Assinatura anual (2003): 20 reais (4 números)

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC

Distribuidora MFC de Fato e Razão

R. Visconde do Rio Branco, 633 / 1002 - CEP 24020-005 Niterói - RJ
Tel/Fax (21) 2717-4878 E-mail: texere@uol.com.br ou inezsoares@uol.com.br

"Esposa é aquela pessoa amiga e companheira, que está sempre ali, ao seu lado, para ajudá-lo a resolver os grandes problemas que você não teria se fosse solteiro". (Frases de concurso de revista masculina inglesa)

Sementes de Girassol

Frei Betto

Neste tempo novo, fecharei a minha caixa de Pandora e farei passarinhar todos os bons propósitos que desafiam a minha fé. Recolherei num jardim de tulipas essa tristeza d'alma que definha o meu ego arrastado pela vaidade.

Neste tempo novo, soterrarei de perdões o meu mal-querer e de afagos a sórdida tendência de apostar na desgraça alheia. Erguerei a minha taça de vitória do outro e brindarei de louvores as conquistas dos que invadem a minha reserva de caça. Serei dom e não dor.

Neste tempo novo, fecharei as asas da ambição e, vazio de desejos, cavarei túneis no mais profundo de mim mesmo para deixar fluir as águas da plenitude.

Neste tempo novo, desviarei o olhar da lascívia que esgarça o meu espírito e os ouvidos aos tambores que me impedem de dançar na contramão. Não buscarei senão os odores suaves da brisa matinal e darei ao meu paladar o que amarga a língua e adoça o espírito.

Neste tempo novo, porei em prática sábias lições de vida: pão que se guarda endurece o coração; a cabeça pensa onde os pés pisam; o contrário do medo não é a coragem, é a fé. Sairei à rua repleto de silêncio, grávido de ser que me transfigura em morada divina.

Neste tempo novo, segredarei aos peregrinos os três aforismos de meu bem-viver: Deus tem sabor de justiça; a vida trafega a bordo do paradoxo: a morte é verbo e não se conjuga no presente, é sempre pretérito ou futuro.



Neste tempo novo, espalharei em meu peito sementes de girassol e cobrirei a cabeça com ervas aromáticas, para que a minha pele transpire e a minha boca profira perfumes. Não me privarei de succulentas alegrias e só darei a meu corpo o que empanturra o espírito.

Neste tempo novo, cultivarei cada um de meus cabelos brancos, modelarei de gorduras a flacidez de minhas carnes e preservarei cioso as rugas que maquiavam de sabedoria o meu rosto. Serei belo como o tronco nodoso de uma velha castanheira que, retorcida de braços, abraça o Sol para em seus pés irradiar sombras.

Neste tempo novo, tratarei o semelhante com a reverência dos anjos e abrirei as portas de minha cidade para acolher em festa os que trazem boas-novas. No contorno dos dias, amarrarei fitas brancas e escovarei a boca da noite até limpar a garganta de sonâmbulas aflições.

Neste tempo novo, não permitirei à língua servir de passarela ao mal-dizer, nem darei ouvidos a quem insiste em violar meu silêncio. Voarei sereno como os albatrozes que, todas as manhãs, impedem que o fragor das ondas fira a pele porosa das praias.

Neste tempo novo, não me deixarei iludir pelos profetas da desgraça nem me hipnotizar pelos que pincelam de cores vivas os cemitérios. Ficarei atento ao olhar perplexo cravado no rosto encardido dos que suplicam uma côdea de pão e um gole de paz.

Neste tempo novo, trocarei minhas horas preciosas por horas ociosas e, recostado num banco de parque, darei milho aos pombos e cantarei laudes com os mendigos que, deitados na grama, escarnecem da agonia do tempo. Banharei a minha pele na lagoa pontilhada de moedas faiscantes de prata e, boca aberta sob o chafariz, beberei até embriagar-me de insensatez.

Neste tempo novo, violarei todas as regras da civilidade torpe que me engravata de cabrestos e rasgarei as etiquetas que me fazem perder horas em cuidados supérfluos. Arrancarei do pulso as algemas do relógio que me escravizam ao ritmo implacável de minutos e segundos.

Neste tempo novo, serei irresponsavelmente feliz, liberto dessa onipotência que recobre de fúria a minha excessiva fragilidade. Confessarei a mim mesmo os meus pecados e, crucificado numa roda-gigante, ressuscitarei com a inocência das crianças que sorriem prenhes de vertigens.

Neste tempo novo, serei cidadão de um país governado por um cavaleiro que chegue montado num burrico e tenha as mãos calosas como quem cavou as entranhas da terra. Não darei lugar aos príncipes revestidos de palavras vãs, nem porei a minha confiança nos arautos surdos ao clamor dos desvalidos.

Neste tempo novo, farei de Deus o meu pai e o meu pão, e abrirei em laços o meu abraço, até transmutar solitários em solidários. Amarei sobre todas as coisas, para que a minha riqueza, despojada de bens, seja farta em afetos. Fecharei os olhos para ver melhor e, ao crepúsculo, serei consumido e consumado pelas chamas que ardem no lado avesso do meu ser.

Frei Betto é escritor, autor de "Entre todos os homens" (Ática), entre outros livros.

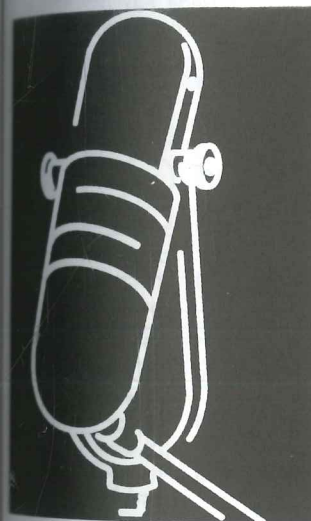
Comunicadores a serviço da Paz

Os homens e mulheres consagrados à comunicação social devem ser construtores de um mundo mais justo e humano. A Igreja lembra às comunidades de fé o compromisso de todos com a comunicação para a Paz.

Toda pessoa que tem como vocação ou profissão a bela missão de lidar com os meios de comunicação de massa pode considerar-se abençoada. O profeta Isaías já proclamou: "Benditos são os passos das pessoas que trazem boas notícias e anunciam a Paz" (Is 52, 7).

O Novo Testamento chama esta comunicação para a Paz de "Evangelho", termo grego que significa "boa notícia". No mundo antigo, essa boa notícia era anúncio de anistia e libertação para pessoas ou grupos oprimidos.

Em um mundo desumano, a primeira tarefa para qualquer pessoa que deseja comunicar a Paz é conquistar, ela mesma, a liberdade interior e a



autonomia necessária para criticar a estrutura sócio-econômica e política responsável pelas guerras e pela inexistência da paz. Graças a Deus, no mundo inteiro, temos jornalistas e comunicadores/as comprometidos com a verdade e a ética da comunicação. Mais do que porta-vozes dos palácios e repetidores das versões oficiais dos acontecimentos, querem fazer ressoar a verdade de que um outro mundo é possível. Aos porta-vozes do próprio Deus, a Bíblia chama de profetas e profetizas.

Recentemente, educadores do mundo todo recordaram os cinco anos do falecimento de Paulo Freire que consagrou toda a sua vida à educação dos mais pobres e à formação dos povos oprimidos para a defesa de seus direitos. Em Genebra, falam em inaugurar um busto em sua homenagem. No Brasil, onde nasceu, cresceu e viveu a maior parte de sua vida, Paulo Freire ainda é pouco conhecido. No entanto, as propostas de uma

"Educação para a Liberdade" e "Pedagogia do Oprimido", como Paulo Freire as formulou, são reconhecidas internacionalmente como meios essenciais para o amadurecimento da consciência democrática.

A base do método educativo de Paulo Freire é o mesmo que norteia a ética de uma comunicação para a Paz: a democratização do saber e da informação para ajudar o povo oprimido a libertar-se de suas alienações e tornar-se verdadeiramente um povo cidadão.

A relação entre pessoas e, especialmente, uma verdadeira e ética comunicação social, pode ser excelente meio para se experimentar a intimidade divina. "Deus é amor. Quem serve ao amor-solidariedade, tem Deus dentro de si e o comunica ao mundo".

*Monge beneditino, autor de 24 livros, dos quais o mais recente é o romance "A Festa do Pastor". Ed. Rede. Fax: 062- 3721133. Email: mostecum@cultura.com.br

Poema

"A vida são deveres que nós trazemos pra fazer em casa.
Quando se vê, já são seis horas!
Quando se vê, já é sexta-feira...
Quando se vê, já terminou o ano...
Quando se vê, passaram-se 50 anos!
Agora é tarde demais para ser reprovado...
Se me fosse dada, um dia, outra oportunidade,
eu nem olhava o relógio.
Seguiria sempre em frente e iria jogando, pelo caminho,
a casca dourada e inútil das horas...
Dessa forma eu digo:
não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo;
a única falta que terá será desse tempo que infelizmente não voltará mais."

Mário Quintana



CARTUNISTAS

Novamente o saudoso Henfil que ressurgue cada dia no O GLOBO, com suas críticas ferinas e bem humoradas, que eram uma pedra no sapato da ditadura nos anos 70. O cenário de sempre: a caatinga, com seus personagens inesquecíveis: Zeferino, o cangaceiro e Orelana, o bode intelectual; a Graúna é o próprio autor. Os episódios selecionados permanecem atuais...

Não fique tão sério...

Seleção de historinhas por Vinicius Nelson Garcia de Souza

Pileque

O homem acorda com a pior de todas as ressacas, vira-se e ao lado da cama, há um copo de água e duas aspirinas.

Olha em volta e vê sua roupa passada e pendurada. O quarto está em perfeita ordem. Há um bilhete de sua mulher :

"Querido, deixei teu café pronto na copa. Fui ao supermercado. Beijos"

Ele desce e encontra um farto café esperando por ele.

Pergunta ao filho:

- O que aconteceu ontem?
- Bem, pai, você chegou às 3 da madrugada, completamente bêbado, vomitou no tapete da sala, quebrou móveis e machucou teu olho, ao bater na porta do quarto.
- E por que está tudo arrumado, café preparado, roupa passada, aspirinas para a ressaca e um bilhete amoroso da tua mãe?
- Bem, é que mamãe te arrastou até a cama e quando estava tirando tuas calças, você disse:
- "Não faça isso, moça, eu sou casado"...

Papo mineiro

Sapassado, era sessetembro, taveu na cozinha tomando uma pincumel e cuzinhando um kidicarne com mastumate pra fazer uma macarronada com galinhassada. Quascaí de susto, quandoví um barui vinde dendo forno,

parecenum tidiguerra.

A receita mandopô midipipoca denda galinha prassá. O forno isquentô, o mistorô e o fiofô da galinha ispludiu! Nossinhora!

Fiquei branco quinein um lidileite. Foi um trem doidimais! Quascaí dendapia!

Fiquei sensabê doncovim, proncovô, oncotô. Oiprocevê quelocura! Grazadeus ninguém semaxucô!

Terceira idade

A senhora com mais de 80 anos mas toda elétrica entra na farmácia.

- Vocês têm analgésicos?
- Temos sim senhora.
- Vocês têm remédio contra reumatismo?
- Temos sim senhora.
- Vocês têm Viagra?
- Temos sim senhora.

Vocês têm pomada anti-ruga?
Temos sim senhora.
Vocês têm bicarbonato?
Temos sim senhora.
Vocês têm antidepressivos?
Temos sim senhora.
Vocês têm soníferos?
Temos sim remédio para a memória?

Temos sim senhora.
Vocês têm fraldas para adultos?
Temos sim senhooooora.
Vocês têm...

Minha senhora! Aqui é uma farmácia, nós temos isso tudo.
Qual é o seu problema?
É que eu vou casar com meu pai de 90 anos no fim do mês. E

gostaríamos de saber se podemos incluir nossa lista de presentes de casamento aqui com vocês...!

No inferno

O engenheiro desceu aos portões do inferno e foi admitido. Mal havia acabado, ele já estava insatisfeito com o nível de conforto no inferno. Logo começou a fazer projetos e várias obras e benfeitorias tiveram início.

Pouco tempo depois, no inferno já havia ar condicionado, banheiros reformados e escadas rolantes, e o engenheiro ficou sendo muito popular por lá.

Um dia, S. Pedro chamou o Diabo ao telefone e disse ironicamente:

"Então, como estão as coisas aí no baixo?"

O Diabo respondeu:

"Uma maravilha! Tudo muito bem. Agora temos ar condicionado, banheiros reformados e escadas

rolantes, e isso sem falar no que este engenheiro está planejando para breve.

Do outro lado da linha, surpreso, S. Pedro respondeu:

"O quê? Vocês têm um engenheiro aí? Isso é um engano! Ele nunca deveria ter descido para o inferno. Mande-o subir aqui, imediatamente."

O Diabo respondeu:

"Sem possibilidade. Eu gostei de ter um engenheiro na equipe e continuarei mantendo-o aqui."

S. Pedro, ainda mais irritado, ameaça:

"Mande-o voltar aqui agora ou eu tomarei as medidas legais necessárias."

O Diabo soltou uma gargalhada, e respondeu:

"Hahahaha! Onde você vai conseguir advogados aí no céu?"

(Pedimos a leitores advogados alguma história de engenheiros...)

Explicando melhor

Igreja lotada, o padre interrompe o sermão e pergunta:

- Quem deseja ir para o céu levante a mão!

Todo mundo levanta a mão, menos um sujeito sentado na primeira fila, caindo de bêbado.

- O senhor não quer ir para o céu quando morrer? - pergunta o padre.

E o bêbado:

- Aaaah... Quando morrer eu quero! Pensei que o senhor tava organizando a caravana prá hoje!

Se você quer realmente ir para o céu, então preste atenção no que Jesus diz e tome cuidado com a receita de certos profetas modernos que repetem os mesmos abusos de "marketing" dos profetas do tempo de Isaías, de Jeremias e, séculos mais tarde, de Jesus.

Se você quer ir para o céu

Pe. Zezinho, scj

Jesus diz que só rezar e falar bonito não leva ninguém para o céu: Nem todo aquele que me diz Senhor, Senhor, vai entrar no céu. (Mt 7,21)

Jesus diz que fazer milagre, ser um grande pregador, curar pessoas, expulsar demônios, não é garantia de céu. Ele diz que não vai reconhecer como dele essa gente que montou na terra um espetáculo da fé, curando e convertendo pessoas, fazendo adeptos que em tese seriam para ele. Só isso não leva para o céu. Tem que haver preocupação com os pobres e os infelizes. Quem vai julgar é ele e

quem vai saber se houve fé ou não. Mas Jesus manda tomar cuidado com o discurso dos pregadores que dizem saber o endereço dele. Ei-lo aqui, ei-lo acolá. Está conosco. Não está com os outros... (Mt 24,26)

O que Jesus considera caminho garantido para o céu? **A caridade.** Quem cuidou dos enfermos, tirou pessoas da solidão, visitou doentes e prisioneiros, deu de comer a quem tem fome, deu de beber a quem tem sede, deu roupa a quem tem frio e fez de tudo para diminuir o sofrimento dos pobres e dos infelizes, vai ser bem recebido por

ele. Os outros que só sabiam falar, mas não fizeram nada pelos outros não vão ser reconhecidos por ele. No céu não se entra apenas com discursos entusiasmados e emocionados. Encanta os ouvintes daqui, mas não os de lá. Deus não se deixa persuadir por belas palavras, mas pela quantidade delas. (Mt 6,7; Lc 18,10-14)

Jesus não aceita os que se gabam de ser eleitos e santos e vão lá na frente do altar para chamar e dar testemunho do dizimo que pagaram, dos jejuns das coisas lindas que fizeram. Ele diz que um publicano e pecador arrependido tem mais chance de ser ouvido por Deus do que esse que adoram dizer que Deus falou com eles e lhes revelou isso e aquilo. (Lc 18,10-14)

Leia bem a sua Bíblia verá que Jeremias, Ezequiel, João Batista, Jesus, Pedro e Paulo chamaram a atenção para um tipo de pregador e profeta que diz que o povo quer ouvir e que transformam a fé em espetáculo. Leia bem a sua Bíblia e tente ouvir o rádio e a televisão. Quem será melhor quem está exigindo que prestem atenção a Jesus e quem exige que o pregador conte histórias sobre si mesmo ou onde Jesus disse que Jesus lhes disse para dizerem, desligue o botão, ou procure alguém que não chame a atenção para si mesmo. Com uma leitura bíblica, com o tempo vai saber quem está usando a fé do povo e quem está realmente servindo à fé do povo!

Veja a você o que Jesus disse aos que enganariam o povo dizendo uma profecia que não cumpriram: Depois não diga que alguém o alertou! (Mt 7,15) (Mt 23,23)

A Igreja, que somos nós, tem sido mais pregadora ou servidora? Que atos concretos de serviço à humanização tem marcado a ação da Igreja na nossa cidade?

Conhecemos cristãos que se sentem justificados apenas porque vão à missa aos domingos? Práticas de culto podem ser fuga ao compromisso de serviço aos mais pobres e carentes?

Como interpretar a parábola do Juízo Final? (Mt 25, 1-13)

Meninos de Rua

O PODER DO TRÁFICO

Respostas à pergunta "Por que você mora na rua?" - em %

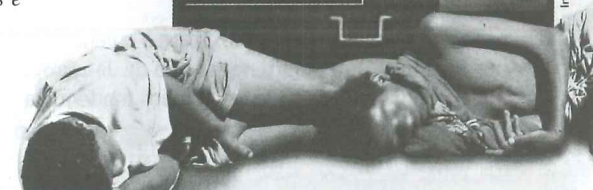
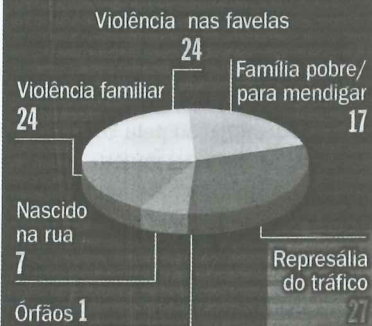
1970



1988



2002



Infográfico: Renata Chabeta

Quarenta por cento da população mundial já enfrentam escassez de água e 2,2 milhões de pessoas morrem a cada ano por beberem água contaminada; outras 3 milhões são mortas por causa da poluição provocada dentro de suas casas pela queima de lenha ou restos de colheita para cozinhar.

ÁGUA

A procura de alimentos está aumentando enquanto a produção deles diminui e metade dos grandes primatas, os animais mais próximos do homem, está à beira da extinção.

Com dados alarmantes como esses, a Organização das Nações Unidas (ONU) lançou hoje um relatório salientando a necessidade de mais apoio ao desenvolvimento sustentável em todo o mundo para diminuir a destruição e manter a segurança da terra e seus habitantes.

Intitulado "Desafio Global, Oportunidade Global", o documento expõe questões sobre água, saneamento, energia, produtividade agrícola, biodiversidade e saúde, e foi debatido na conferência de cúpula da ONU sobre desenvolvimento sustentável, em Johannesburgo. A proposta da conferência foi traçar um plano de

aplicação mundial e formar parcerias entre países. Representantes de mais de 100 nações participaram do encontro.

Ao apresentar o relatório, na sede da ONU em Nova York, o chefe do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da organização, Nitin Desai, secretário-geral da conferência na capital sul-africana, observou já haver acordo em cerca de 75% do plano, que vem sendo discutido há meses. A fase mais difícil foi enfrentada em Johannesburgo, nas negociações entre países ricos e em desenvolvimento. Embora a conferência não tenha produzido nenhum tratado legal, Desai esperava "que os governos se comprometam em ações práticas de produção sustentável de energia, agricultura e uso de recursos de água para atender as necessidades das populações e erradicação da pobreza". Segundo o relatório, as reservas subterrâneas de água estão sendo consumidas muito mais rapidamente do que podem ser repostas, dentro de duas décadas cerca de 3,5 bilhões de pessoas, metade da população do mundo, não terão acesso à água potável. Isso já ocorre com perto de um bilhão de pessoas, principalmente no Norte da África e na Ásia Ocidental. Nessas regiões e também na América do Norte, conforme prevê o documento da ONU, "restam poucas esperanças de aumentar as terras dedicadas à agricultura".



A produção de alimentos tem diminuído e, além de a população mundial não parar de crescer, ela também estaria comendo mais. Pelos dados do relatório, nos últimos anos o consumo diário médio por pessoa subiu de 3 mil para 3.400 calorias nos países industrializados e de 2.100 para 2.700 nos países em desenvolvimento. Mas a fome tende a crescer justamente em lugares onde o solo tem sofrido degradação constante por exploração excessiva e desertificação. Tanto na África como na Ásia a frequência e a intensidade das secas aumentaram por causa do efeito estufa, provocado pelo crescimento do consumo de combustíveis fósseis e emissões de carbono.

Consertar o mundo

Um cientista vivia trancado em seu laboratório, procurando respostas para os problemas do mundo. Certo dia, seu filho de sete anos invadiu sua sala, decidido a ajudá-lo. Impaciente, o cientista pediu que o filho fosse brincar em outro lugar, no entanto, sem sucesso.

Então procurou algum objeto que pudesse entreter a curiosidade do menino. Encontrou o mapa-mundi impresso na página de uma revista. Recortou o mapa em vários pedaços, pegou um rolo de fita adesiva e entregou tudo ao filho, dizendo:

- Você gosta de quebra-cabeças? Então vou lhe dar o mundo, todo quebrado, para consertar. Veja se consegue fazer tudo direitinho.

Calculou que a criança levaria dias para recompor o mapa. Porém, algumas horas depois, ouviu a voz do filho:

- Pai, pai, já fiz tudo. Consegui terminar tudinho!

Incrédulo, o cientista levantou os olhos de suas anotações, certo de que veria uma mapa sem sentido. Mas, para sua surpresa, o mapa estava completo, com tudo em seus devidos lugares.

- Você não sabia como era o mundo, meu filho. Como conseguiu?

- Pai, eu não sabia como era o mundo, tentei consertar, mas não consegui. Mas quando você tirou o papel da revista para recortar, eu vi que, do outro lado, havia a figura de um homem. Então lembrei disso, virei os recortes e comecei a consertar o homem que eu sabia como era. Quando consegui consertar o homem, virei a folha e vi que havia consertado o mundo.

Além disso, no século 20 o consumo de água aumentou seis vezes num ritmo duas vezes maior que o do crescimento demográfico. A agricultura é responsável por 70% desse uso e pelo maior índice de desperdício, pois sistemas ineficientes de irrigação perdem 60% da água que transportam.

A desertificação que compromete a produção de comida é acelerada pelo desmatamento: estima-se que 90 milhões de hectares de florestas - área maior que a Venezuela - foram destruídos nos anos 90.

Essa é uma das ameaças mais graves contra a biodiversidade, pois as florestas abrigam dois terços da vida terrestre. (Tonica Chagas, de Nova York)

Crise de valores na família

Deonira L. Viganó La Rosa*

Quando se realizam Congressos, ou outros grupos de estudo, tendo em vista debater questões sobre Família, ouve-se, infalivelmente, uma constatação que é expressada em tom de lamento: "O maior problema da família, hoje, é a perda dos valores". E passa-se a elencar um sem número de valores "perdidos": o respeito aos pais, a tolerância, o amor, a religião, a autoridade, o respeito à vida... Não só no Brasil, mas em outros países latino-americanos, esta queixa e esta listagem voltam a aparecer. Como resultado dessas discussões, parecem pouco evidentes as mudanças desejadas.

Que se entende por Valor?

É de se perguntar: Como está sendo entendida a questão dos valores, na família? A impressão que temos é a de que os valores estão sendo tratados como se fossem um objeto que se herda ou se adquire, e que se guarda, ou se joga fora, ou se perde. Exagerando um pouco, seria como se você entrasse numa casa e aí encontrasse papai, mamãe, os filhos, o cachorrinho, os móveis e os valores (que hoje estão se perdendo).

Na verdade, se pensarmos um pouco, vamos perceber que não é assim. Dentro da família não existem os valores em si, mas *eles aparecem nas relações* entre os membros da família, e *nas relações* destes com Deus, com a Natureza e com a Sociedade.

Se tomarmos a Justiça como exemplo, vamos perceber que ela não aparece como uma realidade avulsa dentro de casa, na cidade ou nas nações, mas, vão aparecer *relações justas ou injustas* entre familiares, governantes e povo, nações, professores e alunos, ricos e pobres...

E assim como existem *relações justas ou injustas*, vão se fazendo realidade as relações respeitadas ou desrespeitadas, violentas ou pacíficas, honestas ou desonestas, egoístas ou de doação e partilha, e assim por diante.

Existem valores absolutos?

Você vai dizer: Existem sim os valores absolutos e universalmente aceitos como, por exemplo, o Amor, a Vida, a Solidariedade. É verdade. Entretanto, nós humanos vamos sempre viver estes valores *nas relações com o outro*: Se temos a Vida como valor soberano, vamos abrir *um leque de alternativas nas nossas relações cotidianas* para colocar esse valor em prática.

A família que tem a Vida como um valor vai expressar essa valorização deixando nascer a criança já concebida, cuidando das crianças nascidas, das plantas, dos animais; poupando e democratizando a água e

mantendo limpa a água dos rios; separando o lixo tóxico, o lixo seco e o orgânico; curando e cuidando do doente; tirando as crianças da rua; alimentando os famintos; impedindo o uso de agrotóxicos perniciosos à saúde; vivendo segundo o Espírito; não matando e nem ferindo qualquer pessoa; militando para diminuir o crime nas cidades e no campo, etc. Porque *estas (e outras) são as práticas que evidenciam, no dia a dia, se uma família tem a Vida como valor*.

Ficar repetindo: "A família já não tem a Vida como um valor" ou, "A Vida tem de ser um valor para a família", parece-nos um procedimento ineficaz.

Segundo nosso ponto de vista, não produz fruto a reflexão que reduz a questão dos valores a uma queixa saudosista e repetitiva de perda.

Deveríamos, sim, sair do abstrato, descer ao cotidiano da época em que vivemos e descobrir praticar/viver um conjunto de atitudes e comportamentos que declarem ao mundo *o que ou quem tem realmente valor para a família*. Esta passaria a perguntar, por exemplo: Onde, quando, como vivemos relações justas em casa, na escola, na rua, na igreja, no bairro, ...? Onde, quando e como vivemos essas relações de maneira injusta? Quais e como seriam as ações cotidianas que produzem paz, violência, respeito ou desrespeito à sexualidade?, etc.

Surgem valores novos?

É imprescindível adentrar na época atual e descobrir o que merece importância, o que "vale" (é



imagem e semelhança, por isso o masculino e o feminino O refletem. Isaías (66,13) já o anunciava, mas, devido à desvalorização histórica da mulher e a uma religião masculina e machista, não se ousava falar em Deus "Mãe".

Você é Profeta?

Ser Profeta é estar atento e responder aos sinais da História. É do ventre do contexto que o Espírito fala a seu Povo. Urge que a Teologia e a Ética considerem o ser

humano no seu entorno, na sua cultura, no seu tempo, acompanhando o movimento, a dinâmica do Povo.

Hoje ressurgem valores que ficaram esquecidos, como a compaixão, a partilha, a misericórdia, a ecologia, e outros. Enquanto não os proclamarmos e vivermos como nossos, haverá pessimismo no Povo.

**Terapeuta de Casal e Família.
Mestre em Psicologia.*

- Quais os valores que consideramos permanentes nas relações familiares? Nas relações da família com os outros, com a natureza, com Deus? Exemplos.
- Quais os valores novos que surgem e valores do passado que já não se consideram tão fundamentais? Seriam valores provisórios que evoluem de acordo com a cultura de cada tempo e lugar? Exemplos.
- Há dificuldades na transmissão de valores permanentes às novas gerações? Há dificuldades para os mais idosos em assimilar novos valores que surgem nas relações familiares?
- E quanto à transmissão da fé: sabemos transmiti-la na linguagem de hoje, própria do mundo da ciência e da técnica?

Que saudades daquele tempo, em que o mais gostoso de tudo era simplesmente estar vivo e andar “por aí” sem medo de nada, deixar a chave no carro, dormir com as janelas abertas e acordar com uma cigarra cantando no teto do quarto às seis da manhã.

Saudades de antigamente

DE UM IDOSO DESCONHECIDO

Revivendo para quem tem mais de 50 anos. E para quem não tem, ficar sabendo como era boa essa época.

Nós nascemos antes da penicilina, da Vacina Sabin, da comida congelada, da fralda descartável, do Modess, do OB, das creches, das lentes de contato, da pílula anticoncepcional, do Viagra e do Lexotan.

Nascemos antes do plástico, do radar, do xerox, do motor a jato, do videocassete, do computador, do telefone celular e do raio laser.

Nós nascemos antes do cartão de

crédito, da esférica, das lavadoras de roupas, das máquinas de lavar pratos, dos cobertores elétricos, do freezer e do microondas.

Antigamente a lua era conhecida somente por seresteiros, poetas, namorados e nela habitava São Jorge. Não havia parabólicas, nem TV a cabo. Xuxas, Sashas, Faustões, Angélicas e Gugus também não existiam. Ratinho era parceiro de Jararaca, tocava saxofone e fazia um humor saudável.

Nós nascemos antes dos gays “assumidos”, dos homens de brinquinho, da mulher com dupla jornada de trabalho; antes das produções independentes e dos bebês de proveta, da ovelha Dolly, dos filhos de berçários, da terapia de grupo, dos Spas, dos Flats e dos carros a álcool.

Carequinha ensinava que o bom menino não faz xixi na cama; para dormir a mamãe cantava o “boi da cara preta”, quando fazíamos travessuras mamãe nos metia medo do bicho papão; nunca nos esquecíamos de pedir a “bênção” antes de sairmos de casa para o colégio.

Aos domingos, nos reuníamos para o almoço na casa da vovó, vovô sentado à cabeceira da mesa, dizia tudo com simples olhares.

No nosso tempo, tínhamos medo da tuberculose, da gonorréia e da sífilis, a AIDS não existia e desconfiávamos que homossexualismo era coisa de



francês. Acho que a nossa geração era mais escorregadia; para nascermos bastava uma ajudazinha de uma parteira curiosa.

As dores de dente eram aliviadas com a cera do Dr. Lustosa; o sabonete preferido era o brasileiroíssimo Granado “Super Fino”; a garganta merecia as pastilhas Valda; para fraqueza, Emulsão de Scott; para bronquite, Rhum Creosotado. Quem poderia esquecer, se toda manhã ao tomarmos o bonde, lá estava escrito: “Veja ilustre passageiro, o belo tipo faceiro que o senhor tem ao seu lado. No entanto acredite, quase morreu de bronquite. Salvou-a o Rhum Creosotado”...

Antigamente nós casávamos primeiro e só depois morávamos juntos. Como éramos estranhos...

Nunca ouvimos falar de inputs, cd-rom, multimídia, fax-modem, fibra ótica e videogame; nós jogávamos bilboquê, pião e bola de gude; soltávamos pipa e apanhávamos balão, brincávamos de casinha, comidinha, pique-esconde, roda, passaraio, garrafão, bandeira, carniça, bento que bento é o frade e calçadinho é minha.

No nosso tempo os homens fumavam cigarros; erva era usada para fazer chá e coca era refrigerante; pó era sujeira, sangria era para evitar colapso, lambada era chicotada, malhar era coisa de ferreiro, fio dental servia para limpeza dos dentes e embalos faziam crianças dormir. Isso nos bastava e éramos felizes com o que tínhamos.

Nossos ídolos eram o Diamante Negro, com seus gols de bicicleta. As emoções no futebol vinham pela voz de Gagliano Neto e, nos Fla-Flus, por conta dos choros e da gaitinha de Ary Barroso.

Novelas? Nada de Selva de Pedra, Terra Nostra, nem Torre de Babel. Vivíamos todas as semanas as emoções de "Em busca da felicidade", nos encantando com as vozes de Paulo Gracindo e Ismênia dos Santos. No rádio, naturalmente. "Quem sabe o mal que se esconde nos corações humanos...só o Sombra sabe", era o que nos dizia Saint Clair Lopes.

No nosso tempo, nada de Plim-Plim. Tínhamos a Pequena Notável, o Rei da Voz, o Caboclinho Querido e o Cantor das Multidões.



"O progresso era maravilhoso quando não progredia tanto." (Millôr Fernandes)

Nós fomos a última geração, a tal ponto ingênua, que pensávamos que se precisava de um marido para se ter um bebê. Não é de se espantar que sejamos tão confusos e que haja tamanha lacuna entre as gerações.

Nós vivemos o ontem, estamos vivendo o hoje e continuaremos a viver o amanhã. Apesar de toda e qualquer invenção que a inteligência humana possa criar. Querem saber por quê? Qual o segredo que esta velha geração guarda bem no fundo de seu coração? É que ela tem dentro de si uma força imensa que não é invenção dos homens, nem privilégios de novos tempos: o amor, a crença nela mesma e a imensa fé em Deus.

Transfigurar o coração da gente e do mundo

Marcelo Barros*

A Terra está doente e precisa ser curada. Todos os anos, em várias regiões do Brasil, há o tempo de seca e queimadas. Nessa época, cada ano, na Serra da Mantiqueira, reúnem-se líderes indígenas de vários povos para um ritual de cura da Mãe-Terra. Entretanto, a enfermidade da Terra é provocada pela sociedade humana sem coração que, para armazenar mais lucro para a classe dirigente sacrifica a Terra e a própria humanidade. Gandhi dizia: "No mundo há o suficiente para as necessidades de todos, mas não para a ganância de um". Sem curar o ser humano do seu egoísmo básico o cuidado com a Terra será incompleto.

A cura de uma doença precisa do diagnóstico médico, mas saber o nome da doença não substitui a terapia. A cura do desamor passa pela consciência, mas, para ser profunda, precisa atingir o coração de cada ser humano e da Terra. É preciso um cuidado de reconciliação e carinho.

Todos os anos o mundo recorda duas datas fatídicas para o século XX. Nos dias 06 e 09 de agosto de 1945, o governo americano jogou duas bombas atômicas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki, no Japão. As bombas destruíram essas cidades e mataram seres humanos e animais. Provocaram doenças em diversas gerações que nasceram nos locais próximos à explosão. Quase 60 anos depois, os dirigentes do mesmo governo ainda acham que resolvem problemas ao jogar mísseis nucleares mais

destruidores do que as bombas atômicas sobre povos dissidentes do Império. E condenam à bomba da miséria populações inteiras do Iraque ou da América Latina.

Coincidentemente na mesma data em que a primeira bomba caiu sobre Hiroshima, cada ano, as Igrejas cristãs históricas celebram a festa da Transfiguração de Jesus. É a memória do dia em que, conforme os Evangelhos, Jesus subiu a um alto monte e, enquanto orava, os discípulos que o acompanhavam viram o seu rosto se transformar e todo o seu corpo tornar-se luminoso. Isso é transfigurar-se.

A transfiguração de Jesus é como uma parábola que nos recorda: a vocação cristã é transfigurar o tempo e o espaço. É preciso transfigurar nossas relações humanas: passar de relacionamentos interesseiros a relações afetuosas e amáveis. É urgente transfigurar a política, transformando o poder e a coordenação da coisa pública em serviço ao bem-comum. É preciso transfigurar a natureza na comunhão do ser humano com o universo. Paulo escreveu aos romanos: *Toda criação geme e sofre até hoje*. E não somente ela. Mesmo nós que temos as primícias do Espírito, gememos dentro de nós mesmos, aguardando a

adoção filial e a libertação de nossos corpos... (Rm 8, 22-23).

Conforme a maioria dos caminhos espirituais, esta transfiguração do ser humano e do universo começa no coração de cada crente. Frei Betto escreve: *A radical vocação do ser humano é transfigurar-se. Superar a própria figura o peso narcísico do ego, o apego aos bens finitos, o reflexo ilusório de si no jogo de espelhos que lhe deturpa o perfil, seduzindo-o a ser o que não é. (...) Transfigurar-se é reduzir todos os pontos cardeais do ego ao seu núcleo central: o amor. O Dalai Lama diz que toda pessoa tem dentro de si uma semente de compaixão. Basta desenvolver. O cristianismo insiste: É Deus que nos transfigura, mudando nosso coração de pedra em coração de carne (Ez 36).*

Mergulhe no caminho da solidariedade como instrumento divino de transfiguração sua e do universo. Então, você cantará como Milton: Por tanto amor, por tanta emoção, a vida me fez assim doce ou atroz, manso ou feroz, eu caçador de mim...

* *Monge beneditino, autor de 26 livros, dos quais o mais recente é "O Espírito vem pelas Águas" (A crise mundial da Água e a Espiritualidade Ecumênica) Ed. CEBI- Rede. Fax: 062- 3721135. Email: mostecum@cultura.com.br*

- *Há certamente muitos exemplos de solidariedade entre as pessoas e de cuidados com a natureza na terra em que vivemos. Vale a pena falar deles.*
- *E na nossa vida pessoal, familiar e social muitos mais. Ou não?*

Como continuar sendo pai e mãe

DEPOIS DO DIVÓRCIO

Isabel Telmo Hackner*

Ainda que o divórcio seja cada vez mais frequente nos dias atuais, é inevitável que se caracterize como uma crise em que todos precisam enfrentar mudanças e realizar algumas tarefas, que poderão facilitar a adaptação a uma nova realidade.



saudável e benéfica não é tarefa fácil, pois exige cooperação e. Dentre essas tarefas, provavelmente a mais difícil fique a encargo dos pais, que precisam deixar de ser marido e mulher sem deixar de ser pai e mãe. Este laço é indissolúvel, devido à necessidade de preservar os filhos, compartilhando a criação e a educação dos mesmos, ou seja, não existe "ex-pai" ou "ex-mãe". A idéia básica que devemos ter em mente para que essa tarefa consiga ser bem desempenhada é a da coparentalidade.

A coparentalidade é uma parceria entre pais divorciados, que conseguem continuar dividindo a criação dos filhos. Manter uma relação de coparentalidade um "trabalho de equipe", que atenda às demandas dos filhos. Existem regras, entretanto, que podem facilitar a construção e a obtenção de uma boa relação coparental.

Em primeiro lugar, é importante que os pais não usem seus filhos como aliados, envolvendo-os "na linha de fogo" do conflito conjugal. Os filhos não devem ser envolvidos em brigas que não lhes dizem respeito, nem devem ser obrigados a tomar partido de um dos pais.

Muitas vezes, se o casal não está mais conseguindo conversar, também pode usar os filhos como "mensageiros", seja para pedir dinheiro ou para obter informações do que ocorre na casa do outro.

Então, é fundamental que os pais consigam separar o que é conjugal do que é parental, como se



existissem duas identidades diferentes, para que não corram o risco de estar usando os filhos para atingir um ao outro.

Outro fator que pode prejudicar um bom relacionamento coparental é a quantidade de agressividade e de hostilidade que marcou a separação do casal, ou seja, se o divórcio foi muito conflituoso e hostil, provavelmente a relação coparental seja também conflituosa. Nos casos em que não se podem evitar esses sentimentos negativos, uma das alternativas é que o ex-casal tenha um contato mais limitado e somente quando for necessário. É interessante que possa haver uma combinação prévia de custódia, de rotinas, de visitas, pois assim o contato fica menos freqüente.

É fundamental que os pais possam reconhecer quando não estão conseguindo adaptar-se ao divórcio, quando estão passando

por dificuldades que prejudicam seu desenvolvimento e não pedir ajuda. Existem profissionais especializados que podem ajudar a família a atravessar esse momento de crise quando ela não consegue enfrentá-lo sozinha. Porém, muitas mudanças e ajustes

precisam ser realizados, limitações devem ser superadas, para que a coparentalidade seja uma prática comum e possível na vida de famílias que recorreram ao divórcio.

** Mestranda em Psicologia Clínica do grupo Dinâmica das Relações Familiares, bolsista CNPq*

São raras ou muitas as separações e divórcios de casais em nossa cidade? As que ocorrem são amigáveis ou conflituosas?
Quais as causas mais freqüentes?
O que costuma ocorrer após a separação ou divórcio? Reconciliações acontecem?
Será possível ajudar os pais separados a enfrentar seus problemas?

Tantra

Passo mais tempo com a minha família e menos tempo no trabalho. Compreendi que a vida deve ser uma fonte de experiências a desfrutar, não para sobreviver. Já não guardo nada. Uso os copos de cristal todos os dias. Se me der vontade ponho uma roupa nova para ir ao supermercado. Não guardo meu melhor perfume para ocasiões especiais, uso-o quando me der vontade. As frases "algum dia..." e "qualquer dia..." estão desaparecendo do meu vocabulário. Se vale a pena ver, escutar ou fazer, quero ver, escutar ou fazer agora. Não sei o que teria feito a esposa do meu amigo se soubesse que não estaria aqui na próxima manhã, coisa que todos nós ignoramos. Creio que não chamaria meus familiares e amigos mais próximos. Talvez chamasse alguns amigos antigos para desculpar-se e fazer as pazes por possíveis desgostos do passado. Gosto de pensar que teria ido comer comida chinesa, sua favorita. São estas pequenas coisas deixadas para fazer que me fariam desgostoso se eu soubesse que minhas horas seriam limitadas. Desgostoso, porque deixaria de ver amigos com quem iria encontrar cartas... cartas que pensava escrever "qualquer dia destes". Desgostoso e triste, porque não disse a meus irmãos e aos meus filhos, com suficiente freqüência, que os amo. Agora, trato de não atrasar, adiar ou guardar nada que traria risos e alegria para nossas vidas. E a cada manhã, digo a mim mesmo que este pode ser um dia especial. Cada dia, cada hora, cada minuto, é especial.

Penitência & jejum

A fim de que, na indigência, redescubramos a preciosidade de todas as coisas...

Prudente Nery - OFMCap.

Nada é mais perigoso para o espírito humano do que a riqueza e a perfeição: uma vida satisfeita, sem insônias e sem desejos, olhares que, por terem tudo e nada mais precisarem, já não conhecem mais nem o sorriso sincero das alegres surpresas nem as lágrimas sofridas de uma dor profunda; uma alma sem saudades e sem sonhos, feições graves e sóbrias, sem a aflição das esperas e o desassossego das buscas, corações quietos, indolentes, pusilânimes, petrificados quase, sensatamente contentes com aquilo que são e têm.

Como são, ao contrário, humanamente, repletos de vida os

que quase nada são e têm, os que por se sentirem vazios, ainda se encantam com as procuras e, por sofrerem a dor das ausências, por brilho nos olhos, buscam. Até mesmo os violentos, os imorais e seus semelhantes, por mais reprováveis que sejam sua imundície e brutalidade, causam em nós, os eternamente corretos, uma perplexa e velada admiração. Sua vida é devassa e escandalosa sem dúvida, mas repleta de razão, fervor, criatividade, entusiasmo e vitalidade.

Mas como despertar nos indolentes a dor, nos saciados a fome, nos que tudo têm as saudades não do que se foi, mas do que poderia ainda ser? Como acordar nos homens uma *inquietudo cordis*, para que busquem mais do que apenas a sua subsistência? Como transformar corações de pedra em corações de carne? Esta sempre foi a questão central para os grandes profetas de nossa tradição religiosa, desde Moisés até João Batista. Sobre Moisés, o maior de todos os homens religiosos da história judaica, sabemos que toda sua vida se concentrou num único ponto: arrancar seus irmãos da semi-vida em que as panelas estavam cheias, mas a própria grandeza aprisionada, para conduzi-los ao encontro de uma terra apenas prometida em que seriam filhos de Deus e não mais escravos dos reis. E Jeremias, Isaías, Amós, Elias, todos eles homens de tão intenso ardor que as palavras saíam-lhes da boca como fogo e vendaval... numa quase desesperada tentativa de pelo fragor e veemência de seus apelos, arrebataram os homens da sua sonolência de espírito.

menos impressionante foi João Batista, segundo as palavras do próprio Jesus Cristo: o maior dos homens nascidos de mulher (Mt 11,11). Um homem que, apaixonado pelo Absoluto, abandonou o mundo e recolheu-se ao deserto. Um desertor não apenas da civilização, mas também da religião. Pois se é a isto que damos o nome de civilização: este mundo de víboras e esta rede de relações injustas e iníquas em que uns têm duas túnicas ou mais, enquanto outros regem ao abrigo, uns se

deliciam na fartura e outros definham na penúria e se é a isto que chamamos de religião: este desenrolar escritos do passado e repetir com os lábios o que já não vai nem vem do coração (Lc 3,7-9). Como não se afastar, definitivamente, de uma tal farsa? É o que faz João Batista. Era a última esperança daquele desesperado homem de Deus: quem sabe, se reconduzidos, mais uma vez, ao deserto, os homens, na experiência da penúria, redescobririam que, se vivemos e sobrevivemos, sempre

será apenas por graça de uma infinita misericórdia que, velada, sustenta os nossos passos: numa nuvem de fumaça ao dia (um leve sinal!), numa coluna de fogo à noite (uma luz nas trevas!), num bando de codornizes que sacia a fome (algo que vem do alto!) e num punhado de maná que sacia a sede (algo que, orvalhado do obscuro da noite, só nos resta, admirados, recolher, dizendo: *man-hu* - o que é isto?). É aqui que João Batista, como todos os profetas antes dele, adota uma linguagem não apenas dura, rude e impiedosa, mas perigosamente próxima de um macabro cinismo. Que os homens fossem arrancados de sua terra e arrastados pelo deserto, foi



sem dúvidas o seu desejo, e aí, em experimentando a sede, percebessem a preciosidade da água; na fome, se encantassem com um pedaço de pão; na solidão, uns vissem os outros como amigos e irmãos e, perdidos na vastidão e nas trevas do sem caminho, voltássemos nosso olhar para as estrelas e para o alto. São palavras que, temerariamente, quase tocam o desespero e o desejo do sinistro. Mas não é de fato melhor, mil vezes, um fim dramático do que um drama sem fim? E o que fazer, se os homens só se dão conta do que tinham quando já não o têm mais? Não é esta a enigmática lógica de nossa vida? A beleza da pessoa ao nosso lado, a sua importância, o quanto nós a amávamos e dela precisávamos e como felizes éramos junto dela, de tudo isto, quase sempre, só nos apercebemos quando ela se foi. Fazei penitência, era o grito indignado daquele homem de Deus e do deserto. Ainda que por um instante apenas: passai necessidade, para reaprenderdes a alegria do possuir aquilo que vos é dado de graça; renunciái à água, para que, quando a tomardes, o façais com reverência; abjurai os olhares levianos, para que o vosso olhar seja mais leve e delicado e casto; ponderai as palavras, para falardes com mais pudor; abstendevos do muito, para que os que estão do vosso lado possam ter ao menos um pouco.

Um passo a mais e a penitência perderia seu caráter humano e se degeneraria em auto-flagelação, vilipêndio da natureza e irreverência para com Deus mesmo. E isto

aconteceu, como acontece ainda dentro e fora do cristianismo. A nossa própria história está repleta de exemplos perturbadores, uns quase jocosos, outros estarecedores: Santo Antão, ao que consta, nunca mais se banhou desde os inícios de sua vida eremítica até à morte; Schnute, um prior copta, surrava tanto os seus monges que seus gritos podiam ser ouvidos nas aldeias circunvizinhas; dele escreveu um discípulo: ele comia apenas uma vez na semana... seus olhos eram como buracos ou cavernas, escurecidos pelas lágrimas que ele derramava nos cântaros; São Jerônimo conta-nos não sem um certo orgulho, ter conhecido um monge que jamais lavava suas roupas e só trocava a túnica quando esta, apodrecida, despencava aos pedaços.

David de Tessalônica teria permanecido assentado por três anos em cima de uma árvore; incontáveis foram os que se abstiveram quase que integralmente dos alimentos: 15 anos e até mesmo 28 anos, como Santo Lidwina, ou Domenica Lazzarini e Louise Lateau, no século XIX, que completaram 12 anos de jejum, recebendo diariamente apenas água e a Eucaristia; o dominicano Heinrich Seuse (1366), um brilhante discípulo de Mestre Eckhart, flagelava-se diariamente e carregava por 8 anos seguidos uma cruz com trinta pregos às suas costas, que, ao final, se transformaram numa única ferida putrefata; Santa Maria Magdalena dei Pazzi (1566-1607), uma carmelita de Florença, costumava revirar-se nos espinhos e pedia que lhe pingassem vela derretida sobre a pele, que



Jesus viveu de tal maneira que chegaram mesmo a perguntar-lhe, porque ele e seus discípulos não jejuavam (Mc 2, 18-20). Ironizaram-no até mesmo com os adjetivos nada importantes de glutão e beerrão (Mt 11, 19).

passassem no seu rosto e a chicoteariam; narra-se que Marguerite Marie Alacocque (1647-1690) costumava comer pão embolorado e frutas podres; Santa Angela de Foligno (1248-1309) teria bebido da urina com que se banhara um dia; a infibulação e castração eram tão comuns que se fez necessária uma proibição expressa da Igreja (249).

As sinceras e bem intencionadas que tenham sido e sejam tais atitudes, elas pouco ou nada tem a ver com Jesus Cristo. Jesus viveu de tal maneira que chegaram mesmo a perguntar-lhe expressamente, porque ele e seus discípulos não jejuavam (Mc 2, 18-20). Ironizaram-no até mesmo com os adjetivos nada elegantes de glutão e beerrão (Mt 11, 19). Mas a verdade de Jesus não tem uma coisa nem outra: nem

devasso nem asceta, mas um homem da sóbria alegria. Elencar Jesus Cristo na fileira dos anacoretas, dos eremitas, ascetas ou até mesmo encratistas será, no mínimo, um grave equívoco.

É deste absurdo e equívoco que, em 1946, falava o poeta libanês Kahlil Gibran num das páginas impressionantes de toda sua obra. *Em minha juventude contaram-me de uma cidade, na qual todos viviam segundo a Sagrada Escritura. Então eu disse: Quero procurar esta cidade. Tomei grandes providências para a viagem, pois o caminho até lá era longo. Depois de quarenta dias, avistei minha meta e no quadragésimo primeiro dia entrei na cidade. E veja: todos os habitantes tinham somente um olho e apenas uma mão. Fiquei surpreso e pensei:*

será mesmo que, nesta cidade, todos tenham um só olho e uma só mão? Então vi que também eles estavam admirados e maravilhavam-se por causa de minhas duas mãos e meus dois olhos. Enquanto eles conversavam, aproximei-me deles e perguntei: É esta a cidade, na qual todos vivem segundo a Sagrada Escritura? Eles me responderam: Sim, é ela. Mas o que, tornei a perguntar, o que vos sucedeu e onde estão vossos olhos e vossas mãos direitas? Uma

inquietação percorreu a multidão e eles disseram: Vem e vê. Então eles me levaram ao centro da cidade, ao Templo. Ali eu vi um grande número de mãos apodrecidas e olhos. Chocado, perguntei: Que conquistador realizou tal atrocidade contra vós? Outra vez um murmúrio percorreu a multidão. Um dos mais velhos antecipou-se e disse: Nós mesmos fizemos isto. Deus fez-nos vencedores sobre o mal que habitava em nós. Em seguida, ele me conduziu até o altar-mor. Todos nos seguiam. E ele me mostrou uma inscrição cinzelada em pedra e lá eu li: Se teu olho direito é para ti uma pedra de tropeço, então arranca-o e lança-o para longe de ti; pois é melhor para ti perder um de teus membros do que ser lançado no inferno todo o teu corpo. E se tua mão direita é para ti pedra de tropeço, então corta-a e

- Tem sentido jejuar como ato religioso? Como sacrifício ou "mortificação"?
- Como experiência ou ato simbólico de solidariedade com os que têm fome?
- Qual o jejum que Deus aprecia? Ler Is 58, 1-10.

lança-a para longe de ti; pois é melhor para ti perder um de teus membros do que ser lançado no inferno todo o teu corpo. Ai eu entendi. Voltei-me para a multidão e gritei: Nenhum homem e nenhuma mulher entre vós tem dois olhos e duas mãos? Eles responderam: Não, nenhum sequer. Ninguém é completo, exceto aqueles que são ainda muito jovens para compreender o mandamento da Escritura. Quando saímos do Templo, num piscar de olhos, deixei aquela cidade sagrada...

Mas isto era, de fato, o que Jesus queria: reconduzir-nos ao paraíso perdido de nossa última verdade. Não o sofrimento e a cruz são o derradeiro sentido desta vida. O amor, a mesa farta, a música, o brinquedo, o banho, o jardim, o abraço, a ternura, os sorrisos... é para isto que nos chamou à vida: Deus. É para isto que deveríamos trabalhar e lutar: para que este mundo seja um lugar de delícias para todos.

A penitência vale tanto quanto vale para nós João Batista: ele não é a meta, mas apenas aquele que prepara o caminho. Igualmente, a penitência não é a meta, mas apenas uma preparação para que na penúria, despertem-se em nós novos desejos e, na indigência, redescubramos a preciosidade de todas as coisas.

ABORTO

Uma abordagem mais abrangente

Como cristãos, somos a favor da vida e rejeitamos justificativas para a liberação do aborto. A lei atual não deve ser portanto flexibilizada e cabe mesmo uma ação permanente de convencimento e oferecimento de apoio efetivo, por governos e igrejas, para que a futura mãe admita receber seu filho nos casos de gravidez decorrente de estupro.

Entretanto, com ou sem lei restritiva, ocorrem milhões de abortos anualmente no Brasil. Não é portanto a lei que impede essa prática. Será preciso, então, pesquisar ou ter em conta o que já se sabe, sobre as motivações para a prática do aborto: não se pode pensar que a mulher que engravidou sem desejá-lo, recorra alegremente ao aborto, sem nenhum problema de consciência ou, pelo menos, preocupações de ordem bio-psicológicas.

Um bom número de mulheres/casais optam por esse desembaraço de um feto indesejável por puro egoísmo, comodismo, dosado pela insensibilidade ética e sentimental muito disseminada em certas classes sociais. Os abortos nesse grupo continuarão com ou sem lei restritiva, por não faltarem serviços especializados e discretos para atendê-los.

Acreditamos que a maioria das mulheres e casais, diante da gravidez imprevista, inoportuna ou mesmo indesejada, poderiam repensar a tentação da "saída mais fácil", desde que confiasse no apoio da sociedade através de serviços públicos e benefícios sociais – e na aceitação familiar, social e eclesial, sem restrições, da mãe solteira, neste caso atualmente bastante comum.

Equipe de Redação

O corpo de leis civis que assegurariam esse quadro de confiança nas estruturas sociais, poderiam ser assim listadas, algumas já existentes a aperfeiçoar e fazer respeitar, outras a serem criadas.

- Universalização, com qualidade, da assistência pré-natal, ao parto e pós-natal em postos de saúde pública e maternidades devidamente aparelhados para esse fim;
- Estabilidade no emprego: proibição severa de exigência de testes negativos de gravidez por empregadores e proibição de demissão da mulher grávida, desde a comprovação da gravidez até um ano após o parto;
- Universalização da disponibilidade de vagas em creches públicas, ou nas empresas para suas funcionárias com a devida compensação ao empregador, ou remuneração pela

Seguridade Social equivalente ao custo da creche privada onde inexistente a creche pública; trata-se de direito constitucional não cumprido pela Administração Pública;

- Programas de educação para a paternidade responsável, com maior facilidade de acesso aos meios adequados ao planejamento familiar, para reduzir os casos de gravidez indesejada, causa original do recurso ao aborto;
- Redimensionamento do Salário-Família atualmente simbólico, para que assegure o atendimento das necessidades básicas do filho, até a idade já prevista na legislação vigente;

No caso especial da gravidez da adolescente, jovem ou mulher adulta solteiras, será imprescindível uma ação educativa para remoção de preconceitos culturais, morais e religiosos persistentes, que assustam a futura mãe e induzem ao aborto; cabem algumas medidas nesse sentido:

- Promoção de campanhas de formação da consciência, por organizações públicas, ONGs e igrejas, para a valorização da maternidade em qualquer situação, de modo a ajudar as famílias a acolher com alegria a criança que chegará, sem qualquer preconceito e ainda menos rejeição que produziram seqüelas

psicológicas de difícil superação;

- Postura clara das igrejas, escolas e colégios religiosos de igual acolhida carinhosa à mãe solteira, sem discriminações ou exclusões, sem impedimentos à participação ostensiva nas tarefas eclesiais, pastorais, cultos e celebrações, desde a gravidez revelada.

Estamos seguros de que essas medidas reduzirão significativamente a prática hoje bastante disseminada do recurso ao aborto.

Frei Betto*

Há cristãos que imaginam Deus como um juiz severo que contabiliza cada um de nossos atos, creditando-os à nossa futura salvação ou perdição. Agradar a Deus significaria trilhar, como Sísifo, a íngreme ladeira da montanha das virtudes morais, em cujo cume habitaria o Altíssimo, cujo cume habitaria o Altíssimo, prêmio de nossos meritórios esforços. Assim, o sujeito de salvação seríamos nós e, Deus, o objeto de nossa conquista. Isto é mais próximo do herói grego do que do homem ou da mulher evangélicos.

A compaixão

Jesus ensina outro caminho, o da liberdade e da vida. Não somos nós que devemos escalar a montanha das virtudes para obter o troféu da santidade. É Deus quem vem compassivamente ao nosso encontro. Basta abrir-nos à sua presença. Ele nos ama, apaixonadamente, e não há nada que façamos que o induza a separar-se de nós ou deixar de nos amar. Nós é que podemos, em nossa liberdade, acolhê-lo ou rejeitá-lo. Mas Deus é fiel em seu amor.

Não se trata, pois, de deixar de pecar para, então, aproximar-se dignamente de Deus. Trata-se de inverter esse processo. Entregar-se ao amor de Deus para, seduzido por ele, aprender a ser fiel. É como a relação de um casal. Um não é fiel ao outro, porque se sente obrigado por convenções sociais. E sim porque os dois se amam tanto que não concebem a menor infidelidade. Fé e fidelidade têm a mesma raiz.

Quem melhor ilustra essa relação é o profeta Oséias, que viveu na Samaria oito séculos

antes de Cristo. A mulher com quem se casou, Gomer, provavelmente havia

participado de cultos idolátricos de Canaã, que incluíam em seus rituais a prostituição sagrada. Ela teve três filhos, e tudo faz supor que só o primeiro fora gerado por Oséias. Os outros dois eram frutos do adultério. Ao dar-se conta da infidelidade da mulher, o profeta não escondeu a sua indignação diante dos filhos: "Processem a mãe de vocês, processem! Pois ela não é mais minha esposa, e eu não sou mais o seu marido. Que ela tire do rosto as suas prostituições e de entre os seios o seu adultério." (2, 4).

Gomer não negou a sua depravação: "Eu vou com meus amantes; eles me dão o meu pão e a minha água, a minha lã e o meu linho, o meu vinho e o meu azeite." (2, 7).

Oséias ficou a ponto de divorciar-se, mas Deus o impeliu no rumo da reconciliação. "Javé me disse: 'Vá de novo e ame uma mulher que ama outro homem e que é adúltera, da mesma forma como Javé ama os filhos de Israel, apesar de irem eles atrás de outros deuses que

apreciam bolos de uva passa". (3, 1). Oséias admitiu, embevecido: "O meu coração salta em meu peito, as minhas entranhas se comovem dentro de mim. Não me deixarei levar pelo ardor de minha ira." (11, 8-9).

Apesar de tudo, Oséias permaneceu apaixonado por sua mulher. Como Deus por seus filhos infiéis, por quem tudo faz para tê-los junto a si. "Agora, sou eu que vou seduzi-la. Vou levá-la ao deserto e conquistar seu coração." (2, 16). E não se conteve ao declarar o seu amor: "Eu me casarei com você para sempre, me casarei com você na justiça e no direito, no amor e na ternura." (2, 21).

Assim Deus nos ama, como Oséias amava Gomer. Porque Deus é amor. E quem ama, nasceu de Deus e conhece a Deus (Primeira carta de João 4, 7).

* Frei Betto é escritor, autor, em parceria com Leonardo Boff, de "Mística e Espiritualidade" (Rocco), entre outros livros. Fonte: ADITAL.

- O estilo de relações humanas na nossa sociedade tem mais competição ou solidariedade, mágoas sem perdão ou perdão sem mágoas?
- A compaixão e a capacidade de perdão estão em alta ou em baixa na nossa vida pessoal, conjugal, familiar, social?...

Descomplicando a fé

Helio Amorim

Editora Paulus 128 páginas - R\$ 10,00.

Pedidos à Livraria do MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68 - CEP36010-520 Juiz de Fora - MG

Tel. (32) 3214-2952 - E-mail: nulysses@artnet.com.br

À venda também nas LIVRARIAS PAULUS da sua cidade

O impacto da tecnologia na vida do casal

Nos últimos anos, o impacto que a tecnologia vem provocando na vida dos casais vem se tornando cada vez mais evidente e preocupante. Os computadores pessoais, o correio eletrônico, a internet, os telefones celulares, as secretárias eletrônicas, o identificador de chamadas, os aparelhos de fax, as televisões com mais de uma centena de canais - todas essas e muitas outras modernidades têm começado a desafiar e a dar novas formas à comunicação entre os casais. Interferem em sua busca de significados, nas formas de eles vivenciarem o tempo, nas escolhas de atividades de lazer, nos rituais diários, nas fronteiras entre o trabalho e a vida em família, nas formas de interação entre pais e filhos e nas importantes definições sobre o que é secreto e a privacidade.

E tudo isso acontece em um contexto em que as vivências de outras gerações são de pouca utilidade - os nossos pais podem ter assistido a filmes insinuantes, mas a tela tinha 10 polegadas de largura, e não 36, e a TV era desligada às 10 horas da noite. Nossos avós escreviam cartas, e não e-mails, e tinham que esperar uma hora para que a operadora telefônica completasse uma chamada de longa distância.

Vozes da "terra da tecnologia"

Os avanços mais recentes da tecnologia estão penetrando na vida dos casais a uma velocidade superior à nossa capacidade em medir o impacto que eles causam nos relacionamentos. Algumas descrições instantâneas podem dar-nos uma idéia do problema:

"Meu marido chega em casa todos os dias às 20 horas. Antigamente, ele me cumprimentava. Agora ele vai direto para o escritório dele. Primeiro escuta os recados na secretária eletrônica, depois confere se chegaram e-mails e lê os faxes. Ele engole a janta e desaparece na frente do computador, até que enfim, vai dormir. Perdi meu marido para a tecnologia e estou cansada disso."

Deonira Viganó La Rosa*

"Acordei às três da manhã e descobri que minha mulher não estava em nossa cama. Uma luz vinha da sala dos fundos: ela estava sentada ao computador, escrevendo mensagens íntimas para um homem desconhecido".

"Meu marido e meu filho passam o tempo todo diante do computador. Não há lugar para mim no relacionamento deles com essas malditas máquinas."

"Antes, quando saíamos para jantar, era tão romântico e tínhamos tanto para conversar... Hoje, cada qual fica a um lado da mesa atendendo às chamadas pelo celular".

Quem é responsável: as pessoas ou a tecnologia?

Muitos são os casais que falam da tecnologia que entrou nas suas vidas e nos seus lares *como se ela fosse responsável por eles, e não o contrário*. Casais do século XXI precisam dar início a um processo de reflexão sobre o lugar que a tecnologia ocupa no seu cotidiano (muitos casais nunca pararam para identificar as diversas

- *Conhecemos este tipo de queixas nas famílias que conhecemos? E na nossa?*
- *Quais os benefícios que essa tecnologia tem trazido para as pessoas e famílias? Quais os problemas que pode trazer?*
- *Como desfrutar dos benefícios sem cair nas armadilhas que este artigo aponta?*

"Proudhon dizia que toda propriedade é um roubo. A elite brasileira acha que todo cargo público é uma propriedade." (Millôr Fernandes)

formas em que a tecnologia afeta o relacionamento entre os dois); Quanto tempo é gasto lendo e escrevendo *e-mails* em casa? Essa atividade toma muito o tempo que o casal tem para conversas a sós? Quando os celulares são desligados? Quem usa a internet? Quando? Ela é uma fonte de informações importante para a vida familiar ou tornou-se um lugar onde um dos membros se refugia e fica até horas depois que o outro foi dormir? Essa tornou-se uma atividade do marido, a qual o deixa ocupado enquanto a mulher fica suspirando e sentindo-se abandonada? Quando a tecnologia é fonte de estresse para a família e quando é apoio de importância para a manutenção de vínculos interessantes? Quando se torna uma aliada na vivência de patologias sexuais ou outras, e de quem? E os casos amorosos através da rede? As fugas ao diálogo e à incapacidade de criar intimidade?

Obs: Peggy Papp organizou um livro sugestivo, dirigido especialmente às pessoas que trabalham com casais, e foi sua leitura que deu origem a este artigo.

**Terapeuta de Família e Casal. Mestre em Psicologia Social.*

Ensina a teu filho

Frei Betto*

Ensina a teu filho que o Brasil tem jeito e que ele deve crescer feliz por ser brasileiro. Há neste país juizes justos, ainda que esta verdade soe como cacófato. Juizes que, como meu pai, nunca empregaram familiares, embora tivessem filhos advogados, jamais fizeram da função um meio de angariar mordomias e, isentos, deram ganho de causa também a pobres, contrariando padrões gananciosos ou empresas que se viram obrigadas a aprender que, para certos homens, a honra é inegociável.

Ensina a teu filho que neste país há políticos íntegros como Antônio Pinheiro, pai do jornalista Chico Pinheiro, que revelou na mídia seu contra-cheque de parlamentar e devolveu aos cofres públicos jetons de procedência duvidosa.

Saiba o teu filho que, no monolito preto do Banco Central, em Brasília, onde trabalham cerca de 3 mil pessoas, a maioria é honrada e, porque não é cega, indignada ante maracutaias de autoridades que deveriam primar pela ética no cargo que lhes foi confiado.

Ensina a teu filho que não ter talento esportivo ou rosto e corpo de modelo, e sentir-se feio diante dos padrões vigentes de beleza, não é motivo para ele perder a auto-estima. A felicidade não se compra nem é um troféu que se ganha vencendo a concorrência. Tece-se de valores e virtudes e, desenha, em nossa existência, um sentido pelo qual vale a pena viver e morrer.

Ensina a teu filho que o Brasil possui dimensões continentais e as mais belas terras do planeta. Não se justifica, pois, tanta terra sem gente e tanta gente sem terra. Assim como a libertação dos escravos tardou, mas chegou, a reforma agrária haverá de se implantar. Tomara que regada com muito pouco sangue.

Saiba o teu filho que os sem-terra que ocupam áreas ociosas e prédios públicos são, hoje, chamados de "bandidos", como outrora a pecha caiu sobre

Gandhi sentado nos trilhos das ferrovias inglesas e Luther King ocupando escolas vetadas aos negros.

Ensina a teu filho que pioneiros e profetas, de Jesus a Tiradentes, de Francisco de Assis a Nelson Mandela, são invariavelmente tratados, pela elite de seu tempo, como subversivos, malfeitores, visionários.

Ensina a teu filho que o Brasil é uma nação trabalhadora e criativa. Milhões de brasileiros levantam cedo todos os dias, comem alguém de suas necessidades e consomem a maior parcela de sua vida no trabalho, em troca de um salário que não lhes assegura sequer o acesso à casa própria. No entanto, essa gente é incapaz de furtar um lápis do escritório, um tijolo da obra, uma ferramenta da fábrica. Sente-se honrada por não descer ao ralo que nivela bandidos de colarinho branco com os pés-de-chinelo. É gente feita daquela matéria-prima dos lixeiros de Vitória que entregaram à polícia sacolas recheadas de dinheiro que assaltantes de banco haviam escondido numa caçamba.

Ensina teu filho a evitar a via preferencial dessa sociedade neoliberal que nos tenta incutir que ser consumidor é mais importante que ser cidadão, incensa quem esbanja fortuna e realça mais a estética que a ética.

Saiba o teu filho que o Brasil é a terra de índios que não se curvaram ao jugo português e de Zumbi, de Angelim e frei Caneca, de madre Joana Angélica e Anita Garibaldi, Dom Hélder Câmara e Chico Mendes. Ensina a teu filho que ele não precisa concordar com a desordem estabelecida e que será feliz se se unir àqueles que lutam por transformações sociais que tornem este país livre e justo. Então, ele transmitirá a teu neto o legado de tua sabedoria.

Ensina teu filho a votar com consciência e jamais ter nojo de política, pois quem age assim é governado por quem não tem e, se a maioria tiver a mesma reação, será o fim da democracia.

Que o teu voto e o dele sejam em prol da justiça social e dos direitos dos brasileiros imerecidamente tão pobres e excluídos, por razões políticas, dos dons da vida.

Ensina a teu filho que a uma pessoa bastam o pão, o vinho e um grande amor. Cultiva nele os desejos do espírito. Saiba o teu filho escutar o silêncio, reverenciar as expressões de vida e deixar-se amar por Deus que o habita.

**Escritor, autor de Alfabetto - Autobiografia Escolar, editora Atica.*

Deus se parece com os piolhos"

Leonardo Boff*

(Frase do Cura José Gabriel Brochero, espécie de Padre Cícero argentino)

...mentava, na Argentina, um...
...tório difícil. Cristãos...
...servadores, alguns padres...
...visionários, intelectuais orgânicos...
...sistema imperante. Falava da...
...ntação, como resposta ao grito...
...os oprimidos e também ao grito...
...a depredada. Da...
...necessidade de que o oprimido...
...se sujeito de sua própria...
...ntação. Oprimido que não...
...hece as razões de sua...
...ssão não consegue nunca...
...de ser oprimido. Que deveria...
...ntar com um projeto de mundo...
...nte deste excludente. Que...
...se organizar para...
...mentá-lo. Que a questão toda...
...os primeiros passos. Que...
...os que ainda não perderam o...
...mento de solidariedade e de...
...paixão deveriam ser seus...
...os. Que a Igreja, historicamente aliada dos ricos, deveria agora ser aliada dos pobres, porque assim fez o Jesus histórico. E outros quês, quês e quês...
...tei todo o meu latim sem...
...ulado visível. Lembrei-lhes que...
...ra José Gabriel Brochero, espécie de Padre Cícero argentino, vivia ainda no século XIX: Deus está em todas as partes. Que estejam convencidos de que Deus está mais perto dos pobres que dos ricos. Nisso se parece com os piolhos, que estão mais juntos dos

pobres do que juntos dos ricos". Metáfora bela e verdadeira.

Na pausa não quis conversar com ninguém e saí à rua para me refazer da refrega. Estava numa bela avenida de Rosário, cidade industrial da Argentina, hoje totalmente devastada pelas políticas neoliberais. As árvores enfileiradas projetavam sua sombra benfazeja protegendo-me do sol quase canicular da tarde.

Estou voltando à sala de encontro a fim de continuar a discussão difícil. Vejo que duas senhoras velhinhas, elegantes, uma apoiada na outra, vêm em direção oposta à minha. Penso lá comigo mesmo: "Que têm a ver essas duas velhinhas com a libertação dos oprimidos? Devem ser ricas e reacionárias..." Por outra parte, me irrompe na mente a questão: "Elas, de certa forma, devem entrar na libertação. Senão a libertação jamais será integral e para todos".

Quando estou envolto em tais pensamentos e com certa má consciência, vejo que elas me observam detidamente. Aproximam-se e me dizem: "O senhor é aquele que falou no programa de televisão hoje ao meio-dia sobre a teologia da libertação? Nós vimos e gostamos. Nós não somos pobres. Nós somos velhas, embora ricas. Estamos

caminhando para o fim da vida. Mas todos os dias rezamos pelos cristãos libertadores, pelos teólogos e pelos bispos proféticos. E muito mais rezamos pelos pobres e oprimidos. Nós somos solidárias com o senhor”.

Saí perplexo. Se uma teologia não incluir esse tipo de solidariedade e esse bom propósito que se irradia sobre os outros, de que libertação estamos falando?

Estou convencido de que a tenacidade dos militantes, a

cooperação dos aliados, a lucidez dos pastores e a inteligência dos teólogos estão assentadas sobre a oração de pessoas anônimas como essas duas ricas e idosas madames. Mesmo que elas não saibam, nem o presumam: suas orações libertam os libertadores de sua estreiteza e, quem sabe, de sua arrogância de terem a melhor causa e de estarem sempre no lado certo.

**Leonardo Boff é teólogo*

A que ponto chegamos?

(Rubem Alves)

“Vejam só a que ponto chegamos. Agora ele está querendo ser presidente... Não se enxerga? A começar pelos ancestrais, que não são coisa que se recomende. Há fortes boatos de descender de uma mulher de costumes frouxos e suscetível a amores proibidos. O pai, ao que parece, não conseguia se fixar em emprego algum, e alguns chegaram mesmo a descrevê-lo como tendo alma de vagabundo. É certo que não seria nunca escolhido como “operário padrão”. E que dizer do lugar onde nasceu? Estado dos mais atrasados, sociedade típica, crescido em meio a rudeza dos que não se refinaram para as lides públicas. Poderiam imaginar o seu comportamento num banquete? Seria vergonhoso... Cotovelos sobre a mesa, empurrando a comida com o dedo, falando de boca cheia... Seria um vexame nacional. Acresce o fato de não haver nem mesmo terminado o curso primário, sua educação se restringindo a ler, escrever e fazer as quatro operações. Como trabalhador braçal, excelente. Na verdade, ali é seu lugar. Como acontece com as pessoas que trabalham muito com o corpo e pouco com a cabeça, seu corpo se desenvolveu de forma invejável. Testemunhas oculares relatam mesmo que, em certa ocasião, não vacilou em valer dos músculos para dobrar um grupo de adversários. Mas o que assusta mesmo é o seu radicalismo em relação às questões do trabalho, especialmente do campo. Pois não é a iniciativa e do capital dos patrões que vem a riqueza do país? E agora, este matuto quer colocar o carro na frente dos bois... Se a sua política agrária for colocada em prática é certo que vamos ter uma convulsão social no país. O nosso sistema de produção vai ser desmantelado, com imprevisíveis conseqüências para a economia. Mas pior do que isso serão as conseqüências sociais. No final, parece que os empregados tomarão conta de tudo e aos patrões não restará outra alternativa que deixar o país...”

Podem guardar seus sorrisos e sua raiva porque isto que escrevi não é sobre quem vocês estão pensando. É sobre Abraham Lincoln. E o que eu disse sobre sua vida pode ser encontrado na Enciclopédia Britânica, para quem quiser conferir. Abraham Lincoln foi o 16º presidente dos Estados Unidos da América e, ainda hoje é considerado um dos maiores não o maior presidente da história dos Estados Unidos.”

Atenção. Cuidado! Para quem tem mais de 30.

D.A.D.I.A.

“Desordem da Atenção Deficitária na Idade Avançada”...

Acabaram de descobrir a causa de uma moléstia, que ataca a todos com mais de 30 anos ... Recentemente diagnosticada como D.A.D.I.A

Segue relato de um paciente:

Decidi lavar o carro; rumei em direção à garagem e notei minha correspondência largada em cima da mesa. OK, vou lavar o carro, mas antes vou dar uma olhadinha na correspondência, pois pode ter alguma coisa urgente.

Peguei as chaves do carro na escrivaninha, e quando vou jogar fora as propagandas inúteis, noto que a lixeira está repleta. OK, vou colocar as contas a pagar na escrivaninha e jogar o lixo fora, mas enquanto vou perto da caixa do correio, decido pagar primeiro estas contas.

Agora, onde está meu talão de cheques? Oops, tenho apenas uma folha de cheque no meu talão.

Meus novos talões estão na escrivaninha... Oh, lá está a coca que eu estava bebendo. Vou buscar aqueles talões, mas antes eu preciso levar minha coca para longe do computador, talvez seja melhor colocá-la na geladeira para gelar um pouco.

Vou em direção à cozinha e presto atenção às flores, que precisam urgentemente de água. Coloco a coca no balcão da cozinha e... Oh! achei meus óculos! Procurei por eles a manhã toda! Melhor eu guardá-los logo.

Encho um regador com água e vou em direção às flores... aaah! Alguém deixou o controle remoto da TV na cozinha. À noite, quando formos assistir à televisão, nunca iremos pensar em procurá-lo na cozinha, então é melhor levá-lo para a sala, onde é o seu devido lugar.

Rego às plantas e, sem querer, derramo um pouco de água no chão. Jogo o controle remoto no sofá, e vou andando pelo corredor e tento me lembrar o que é que eu estava indo fazer...

Final do dia:

O carro não está lavado! As contas não estão pagas! A coca ainda está largada no balcão da cozinha! As flores foram regadas apenas pela



metade! O talão de cheques está apenas com uma folha! Não encontro as chaves do carro!

Quando tento entender porque nada foi feito hoje, fico atônito, pois **sei que estive ocupado o dia todo!**

Percebo que isto é uma coisa seríssima e que irei em busca de auxílio, mas, antes, acho que vou checar meu e-mail...

Vou pedir para reenviarem isto para todo mundo que conhecem, pois eu **não me lembro para quem eu já enviei!** Mas vou avisar que não mandem de volta para mim... eu posso enviar para eles de novo...

A DADIA também acomete os internautas, que nunca se esquecem de ligar o computador e ler as mensagens até ver pela janela que a noite já chegou, e já é madrugada...

Aliás, amanhã preciso lavar o carro depois de ler a correspondência, antes de esvaziar a lixeira, ou seja, melhor começar regando as plantas para logo ir ao banco buscar um talão de cheques novo. Ou melhor...

Saber lidar com clientes irritantes e arrogantes.

Uma funcionária da Transbrasil deveria ganhar um prêmio por ter sido esperta e divertida e ter atingido seu objetivo, quando teve que lidar com um passageiro que provavelmente mereceria voar junto com a bagagem...

Um voo lotado da Transbrasil foi cancelado (por razões óbvias!). Uma única funcionária atendia e tentava resolver o problema de uma longa fila de passageiros. De repente, um passageiro irritado cortou toda a fila até o balcão, atirou o bilhete em cima do balcão e disse:

- Eu tenho que estar neste voo. Estou na Primeira Classe.

A funcionária respondeu:

- O Senhor desculpe, terei todo o prazer em ajudar, mas tenho que atender estas pessoas primeiro, já que elas também estão aguardando pacientemente na fila. Quando chegar a sua vez, farei tudo para poder satisfazê-lo.

O passageiro ficou irredutível e disse, bastante alto para que todos na fila ouvissem:

- Você faz alguma idéia de quem eu sou?

Sem hesitar, a funcionária sorriu, pediu um instante e anunciou no microfone:

- Posso ter um minuto da atenção dos senhores, por favor? (a sua voz ecoou por todo o terminal). E continuou:

- Nós temos aqui no balcão um passageiro que não sabe quem é, e deve estar perdido! Se alguém é responsável pelo mesmo, ou é parente, ou então puder ajudá-lo a descobrir a sua identidade, favor comparecer aqui no balcão da Transbrasil. Com as pessoas atrás dele gargalhando, o homem olhou furiosamente para a funcionária, rangeu os dentes e disse, gritando:

- Eu vou te f#\$%&!

Sem recuar, ela sorriu e disse:

- Desculpe, meu caro senhor, mas mesmo para isso vai ter que esperar na fila...

RECEITA para matar um sem-terra

Frei Betto*

...me um agricultor

...desplante de sua terra,

...desplante-o de seus direitos,

...desplante-o à poeira da estrada

...desplante-o a secar ao sol.

...desplante-o, em seguida,

...desplante-o do descaso público.

...desplante a injúria da baderna.

...desplante o pote de horror ao pobre

...desplante a consistência do terror.

...desplante uma dose de mau presságio

...desplante, com a mão do ágio,

...desplante fatias de pedágio.

...desplante repousar no silêncio

...desplante a grileira,

...desplante áreas devolutas,

...desplante a saga assassina

...desplante quem semeia guerras

...desplante a amealhar terras.

...desplante a mentira

...desplante a caldeirão oficial

...desplante a adquirir densidade

...desplante a rede nacional.

...desplante a repressão

...desplante impunemente

...desplante a bandeja do latifúndio.

*Frei Betto é escritor, autor, em parceria com Moacyr Scliar,

Carlos Nejar e outros, de "O Decálogo" (contos),

publicado pela Nova Alexandria.



Há, no entanto, um fator praticamente ignorado: a ausência de educação para a Paz no mundo.

Educação para a Paz

Pierre Weil*

No ano passado, em reunião promovida pela UNESCO, no Bureau Internacional da Educação, os Ministros da Educação de todo o mundo votaram, em unanimidade, uma recomendação para que seja introduzida a educação para a paz em todos os estabelecimentos de ensino. Já quando de sua criação, a UNESCO, em seu preâmbulo, declarava: "As guerras nascem no espírito dos

para a Paz

A paz com os outros (Ecologia e consciência social)

NÍVEL DO INDIVÍDUO, DA PESSOA
educação para uma arte de viver em Paz,
pela harmonia, o equilíbrio interior
do corpo, as emoções e a mente, entre
emocional e intelectual.

NÍVEL DO INDIVÍDUO, DA PESSOA

...educação para uma arte de viver em Paz,
...pela harmonia, o equilíbrio interior
...o corpo, as emoções e a mente, entre
...emocional e intelectual.

...feita, emocional e intelectual.

Atualmente enfatiza apenas o ensino da educação física e o intelecto, como a educação mental. Há uma necessidade de restabelecer o contato da mente com o espírito com a vida.

emocional, inclusive aprendendo a lidar
com esta corrente energética selvagem e
instável que representam as emoções,
como a raiva, o apego, o ciúme, o

sendo a metodologia da Arte de viver em Paz, recomenda, que no plano do corpo se procure manter a saúde, isto é, o equilíbrio o qual acabamos de nos referir e que é recomendado pela Organização Mundial da Saúde.

o plano da vida emocional, enfatizam se-
ntimentos de alegria, do verdadeiro amor, da
paixão e da equanimidade. Alegria de

partilhar alegria com os outros; amor r
ando de querer alegria e felicidade para
que convivem conosco; compaixão com
querer aliviar o sofrimento das pessoas e

No plano da vida mental, se trata de ajudar os educandos dissolverem a fantasia da separatividade, dando-lhes uma visão sistemática e holística, de que tudo depende de tudo, e que estamos todos “feitos”, ou constituídos do mesmo espaço-energia consciencial, da mesma essência que muitos chamam de divino. Ao realizar este último ponto, estamos despertando em cada um a capacidade de superar os limites do seu pequeno ser para ele descobrir que ele é o Ser, ou sair dos limites do seu pequeno espírito limitado por um ego ilusório.

2º NO NÍVEL DA SOCIEDADE

Lidar com as pessoas não é suficiente. É preciso, paralelamente, agir sobre os principais aspectos e variáveis da sociedade, que pertencem a cultura, à vida, à política e ao habitat e aspectos materiais e econômicos.

Na cultura, precisamos reintroduzir através, sobretudo, das mídias o espírito ligado aos grandes valores da humanidade, também chamados de valores espirituais. Mikhail Gorbachev, na sua Perestroika, mostrou que o comunismo fracassou por reprimir estes valores. Podemos dizer que o mesmo se dá atualmente com o capitalismo. Estes valores são bastante numerosos mas podemos aqui enunciar os mais importantes. São os que fazem parte do que chamamos de o Bem: A verdade, a beleza e o amor. Eles são indissociáveis e se reforçam mutuamente: a verdade só é fria e pode ferir; a beleza isolada pode se tornar a serviço do egoísmo; o amor sem sabedoria pode levar a ações inconseqüentes.

São também os valores enfatizados na revolução francesa, também indissociáveis, tais como a liberdade, a igualdade e a fraternidade. O fracasso dos regimes políticos e econômicos atuais, provém do fato de que a liberdade tem sido enfatizada pelo capitalismo que sacrificou a igualdade; a igualdade foi o que o comunismo quis estabelecer, mas sacrificou-se nisto a liberdade; e a fraternidade tem sido relegada à espiritualidade, ignorada ou mesmo reprimida pelos dois sistemas políticos e econômicos de cunho materialista.

No plano cultural precisa-se também enfatizar a não dualidade e a não fragmentação da realidade, através da educação e das mídias.

É preciso também dissolver as "normoses", isto é, crenças, hábitos e comportamentos que provêm de um consenso geral ou parcial, e que levam ao sofrimento, à doença ou mesmo à morte. Existem inúmeras normoses, isto é, normas anormais e patológicas, tais como as que levam ao uso da violência e à guerra "justa", normoses de consumo, normoses de competição e assim por diante.

No plano social e político, substituir uma sociedade fundamentada na competição pela cooperação e pela sinergia, isto é, pela capacidade e ação de juntar os esforços de todos em benefício da harmonia e do bem de todos. Consiste em colocar entre partidos políticos e entre as religiões um entendimento inspirado por estes valores superiores a que nos referimos acima. É preciso desenvolver o transpartidarismo político e a interreligiosidade. União, respeitadas as diferenças, unidade diferenciada.

No plano econômico, o nosso mundo se ressentia de uma nova economia em que se aproveitasse as experiências do passado, conservando o que teve de positivo em ambos os lados, socialistas e capitalistas. Algumas idéias e ações estão despontando

neste sentido. Nos países ricos e regiões ou camadas abastadas dos países pobres surge um movimento de "simplicidade voluntária", visando reduzir o excesso de consumo, o que se inscreve dentro das recomendações das Nações Unidas de "desenvolvimento sustentável", ou melhor "viável".

Nos países pobres em que impera a miséria e a fome, um novo conceito será indispensável: o "conforto essencial". Destes dois movimentos, de simplicidade voluntária de milhões de cidadãos abastados de um lado e da implantação "conforto essencial" (alojamento, alimentação sadia, vestimenta, transporte, educação evolutiva, assistência médica, resultará talvez esta nova economia. Possivelmente se desenvolverá uma economia inserida numa civilização do lazer como preconizou o sociólogo John Dumazedier. Com o aumento irresistível do desemprego devido à automação informatizada, chegará um momento em que não haverá mais ninguém para comprar as mercadorias produzidas automaticamente. Então surgirá uma remuneração universal garantindo ao mesmo o sustento individual e empresarial.

Tudo isto começa com a pesquisa e educação econômica. Como mostramos, a economia terá de levar em consideração as limitações de exploração do planeta Terra. Isto nos leva ao último nível.

3º NO NÍVEL DA NATUREZA

Já é fato consumado e divulgado que estamos numa situação de catástrofe, de controle difícil e de reversibilidade questionável e duvidosa.

Desde a Eco 92, no Rio de Janeiro, as mídias têm realizado um trabalho notável no sentido de divulgar os perigos de destruição de um lado, e os meios para remediar e evitar esta

Começar na escola, mas não adianta apenas ensinar a paz, por meio de frases bonitas e de argumentos intelectuais. É preciso atingir o caráter, as emoções, os sentimentos. Isto é uma questão de educação muito mais que de ensino e instrução.

violência para com a natureza.

Estamos aqui tocando na questão da educação ambiental.

Ela começa por uma harmonia com a natureza. Saber lidar com a terra sem poluí-la, com a água viva e saudável, com o ar, sem ele nos destruir, com o ar indispensável à vida.

Se trata também de educar para o respeito à vida em todas as suas formas, inclusive a vida humana...

A tecnologia, desenvolvida pelas universidades e utilizada pelas empresas de todo o mundo, pode se colocar à serviço de valores destrutivos ou construtivos. Nisto entram em caráter de urgência, programas de desenvolvimento organizacional holístico, tal como o preconizamos em outro trabalho.

EM DIREÇÃO A UMA CULTURA DE PAZ

No seu discurso de posse e segundo mandato, Frederico Mayor, Diretor Geral da UNESCO

"O bom do trabalho em equipe, é que se algo der errado, sempre se pode culpar alguém". (De um pensador cínico...).



afirmou: "O mundo está dominado por uma Cultura de Guerra e de Violência; é preciso transformá-la numa Cultura de Paz".

É nisto que estamos empenhados na Universidade da Paz - UNIPAZ. Esta missão, é ainda mais complexa, se considerar que o Brasil é uma Cultura de Paz, ameaçada pela Cultura de Violência no Mundo.

Aqui é a terra do mutirão, do jeitinho, do "deixa disto", da convivência harmoniosa de várias raças e culturas, da alegria da Escola de Samba e sobretudo do abraço.

O Brasil tem muitos abraços para exportar...

Pierre Weil é educador, PhD em Psicologia pela Universidade de Paris, fundador da UNIPAZ - Universidade da Paz, membro do Conselho da UMA - Universidade Livre da Mata Atlântica. Foi condecorado com o "Prêmio da Paz Internacional 2000", pela UNESCO - Paris.

Uma simples canção composta há trinta anos para agradar minha mãe paralítica, que tinha saudade do meu pai, parece ficar cada dia mais atual. Raramente é tocada nas rádios, mas se eu não a cantar, ainda hoje, em meus shows, o povo reclama. E há centenas de cantores que pediram licença para usar em seus discos.

Pe. Zezinho*

Por que utopia?

Jovens, adultos e crianças a cantam de cor. Músicos a exaltam como mensagem forte. Deve ser porque a utopia existe, aqui mesmo e também na casa deles. Algumas pessoas me perguntam porque insisti em dar o nome de Utopia à minha canção, já que fala de uma família que deu certo. Pensei que fosse óbvio... É que ouve-se tanto na mídia que a família está decadente, a televisão quase sempre mostra o conflito, mais do que a unidade dos casais; o número de divórcios aumenta; há milhões de casais que não oficializam sua união e apenas juntam suas posses (quando as juntam); milhões de homens que vão embora de casa com outra mais nova; milhões de mulheres se cansam do lar e vão viver com outro homem, para não falar de milhões de filhos que pagam o alto preço do conflito entre seus pais.

Achei que chamando o casamento de Utopia que dá certo responderia a muita gente que anda confusa com relação aos valores da família. "Utopia" é uma palavra que significa: um país imaginário, quimera, fantasia; algo que dá certo, mas que certamente não é tão

óbvio. É esperança de que a felicidade seja possível, mesmo que não facilmente realizável. Quem

primeiro a cunhou foi Thomas Morus e corresponde à República de Platão e ao Shangri-lá de tantas canções modernas. Quando alguém diz que tal projeto é utópico, está dizendo que as chances

dele são pequenas. É como se disséssemos: "Duvide o quanto quiser, mas que existe, existe!".

Ao chamar de utopia a minha canção, eu lembrava que as pessoas podem dizer o que quiserem, mas estas famílias existem. Meu pai morreu paralítico quando eu era menino e minha mãe estava paralítica quando fiz esta canção, a pedido dela. Fi-la bem simples, porque era o estilo de música que ela curti, sendo cabocla de Machado, sul de Minas. Acontece que as palavras e a melodia caíram no gosto de milhões de pessoas que se identificaram com a canção. Isso mostrou que milhões de pessoas acreditam em família amorosa e boa, mesmo que ela tenha seus defeitos. E daí? É a nossa família!

Pensando bem, ela existe e acontece aqui bem perto. A boa família. A gente é que de tanto ver a caricatura não quer ver a verdade. Conheço milhares de famílias felizes. Aposto que você também as conhece. Então, por que a gente fica quieto quando alguém prega o oposto?

*Sacerdote, escritor, compositor, cantor.

Por fora, bela viola... por dentro, pão bolorento

Alex Gasparini*

Li um artigo de um famoso comentarista. Não vou citá-lo, para não descobrirem que faço um artigo. Ocorre, contudo, que concordei bastante com a sua argumentação, o que me deu inspiração para tentar complementar ou salientar aquele artigo.

Posso exemplificar melhor o conteúdo da mensagem, usando novamente os mesmos exemplos que ele utilizou: é admirável e até muito desconcertante vermos a "Zezinha" e a "Feiticeira", novamente fazendo sucesso na mídia, porém agora de uma forma bem máscaras ou roupas especiais.

É quase incrível, agora perceber, que são duas mulheres comuns, com suas neuras e seus desejos de serem amadas, com seus dengos e com suas idéias próprias. São, afinal, pessoas como nós. O que restou daquela exposição ostensiva de nádegas? Que deixou os homens mais entalhados do que excitados).

Uma delas passou por uma transformação semelhante à de Michael Jackson, ou seja, não tem mais a mesma aparência física (sofreu um processo radical de transformação). A outra, agora se mostra tão normal, não mais tão sexualmente do que

qualquer outra moça com bons dotes físicos.

Parece que se acabou um mito, desfez-se uma miragem. Algo que no mercado de consumo se denomina obsolescência precoce, ou perda da validade.

Muito bem, o Sr. Luciano Huck ganhou muito dinheiro, e elas também receberam a sua boa parte, muito mais do que ganhariam por anos seguidos em qualquer outro trabalho condizente com a condição social de onde vieram.

Mas ainda fica um sonho incutido e muito enraizado na mente de muitas adolescentes:

"Vale tudo para aproveitar uma chance de ganhar dinheiro e tornar-se famosa".

Pois eu acho que somente pessoas "velhas" como eu, conseguiram ver o quanto elas são normais, e o quanto devem agora sofrer, por terem se deixado fabricar. Ficam agora com o dilema de conviver com o peso da fama. Fama por algo que elas realmente não são!

Mas há jovens, entre os quais penso que meus filhos se incluem, que encaram estas coisas de outro modo: curtem assistir tais programas televisivos, pois neles encontram o prazer de rir das

bobagens a que muitos artistas se submetem. Seria então apenas um lazer, para eles.

Mas ainda tenho receio, quanto à carga negativa que recebem, e principalmente sobre o quanto acabam absorvendo dessa carga ruim.

Parece que os empresários da mídia descobriram que dá um

- *Como aproveitar construtivamente tanto o que é bom como o que é ruim ou medíocre na TV?*
- *Pode-se aceitar que tudo é matéria para o diálogo e com ele o desenvolvimento da consciência crítica dos pais e dos filhos? Será que dá certo discutir sobre isso lá em casa?*

Fraudes na Internet

Nas últimas semanas, duas grandes entidades federais, o Banco do Brasil e a Receita Federal divulgaram golpes que estão sendo aplicados pela Internet usando o nome dessas instituições. Aproveitamos para explicar as táticas mais comuns dos estelionatários.

Uma das técnicas usadas é criar um site de compras on-line ou de acesso restrito (por exemplo, um site de conteúdo erótico) com a opção de pagamento por débito automático. Os sites estampam logomarcas dos bancos para você clicar e autorizar o débito, entrando o número de sua agência, conta e senha, em uma página com layout similar ao usado pelo banco. Em seguida, o site emite um comprovante de compra ou libera um login e uma senha (no caso de sites de conteúdo restrito) e você pensa que está tudo bem.

Só que esse site do banco é de mentira, e o que o golpista faz é capturar os dados de sua conta corrente. Enquanto você fica achando que a transação foi efetuada com sucesso, o golpista pode usar os seus dados para retirar dinheiro de sua conta.

A nossa recomendação, portanto, é que ao entrar em um site de vendas on-line ou de acesso pago desconhecido, você procure todos os dados da empresa e faça o depósito através de sua conta-corrente, mandando o comprovante por fax. É claro que você também corre o risco de a empresa ser fantasma, por isso é recomendável procurar saber sobre sua reputação.

Outra versão desse tipo de golpe é o recebimento de e-mails supostamente vindo do seu banco solicitando o número de sua senha. Nenhum banco trabalha dessa forma, e o procedimento de troca de senha só pode ser efetuado nas agências. É incrível no Brasil como as pessoas não prestam tanta atenção à invasão de privacidade, o que pode dar margem a golpes. Por exemplo, é comum recebermos telefonemas pedindo a confirmação de dados pessoais por parte de alguma suposta empresa. Sempre que você receber um telefonema desse tipo, tome muito cuidado no que vai dizer, pois pode ser um golpista querendo seus dados. Se você trabalha fora, é imprescindível treinar quem passa o dia em sua casa para não dar nenhum tipo de informação pessoal. (Gabriel Torres)

ibope danado ficar mostrando a intimidade alheia. Eu só não entendo como as pessoas podem ser íntimas verdadeiramente na frente de uma câmara, nessa coisa chamada "Big Brother". É claro que se trata de pura encenação para ingênuos telespectadores. Mas...

**Membro do MFC, ABC Paulista*

O telefone

Rubem Alves*

São duas e meia da madrugada. Já faz três horas que estou travando uma batalha de seis contra a insônia: durante a insônia é contado em dobro. Tento, em vão, pôr um fim à baderna que as idéias resolveram fazer na minha cabeça.

Mentalizo uma escuridão total, na esperança de que as idéias pensem que a festa acabou. Inutilmente. O baile continua. Pensamento pode ser coisa infernal, moto-contínuo, máquina que não pára. Por mais que supliquemos.

Bastaria que ela parasse por um segundo apenas: seria o suficiente para que o sono viesse, como o seu abençoado esquecimento. Mas a máquina de pensar não tem mais misericórdia.

Desisto da luta. Diz o ditado inglês: *If you cannot beat them, join them...* – Resolvo entrar no baile. Ponho-me a dançar com um telefone, pois foi com ele que tudo começou.

O dia tinha sido muito cansativo.

Arrastei-me de volta para a casa, o corpo pedindo um banho, a boca pedindo sopa, pão com alho e tomate, os olhos pedindo momentos de doce torpor hipnótico diante da televisão. Depois, o sono. As dez e meia eu já estava dormindo.

Mas meu nirvana durou pouco. Logo soou a campainha do inferno, acordei assustado sem saber que horas eram,

telefonema no meio da noite só pode ser coisa ruim, que teria acontecido? O coração acelerado, tirei o fone do gancho:

- Alô!

- É o Rubem?

A voz do outro lado, era leve e tranqüila.

Vi logo que coisa grave não seria.

- Sim, é o Rubem...

- Que alegria! – A pessoa se identificou.

Era gente querida, que chamava de muito longe.

- Eu estava lendo um livro seu, me senti com saudades, resolvi telefonar. Não tenho nada de especial para dizer. Só queria ouvir a sua voz.

Conversamos um pouquinho, meu coração comovido com aquela prova de amor. Mas meu corpo estava bravo. Por mais que eu argumentasse ele não se conformava de ter sido arrancado do sono. Tentei acalmá-lo, mostrando que não havia razão para tanta braveza. O melhor seria voltar para cama e dormir. Afinal de contas, não era tão tarde assim, apenas onze e meia. Ele me disse que não aceitava explicações. E, como prova de sua raiva, jogou areia e pimenta nos meus olhos.

Tentei argumentar de novo. Citei Santo Agostinho: *"Ama e faz o que quiseres"*. Até aquele momento esta fórmula ética tinha sido, para mim, absoluta. O argumento se desenrolava como um silogismo. Aquele telefonema fora fruto do amor. Conclusão: estava, portanto, moralmente justificado. Mas meus olhos cheios de areia e pimenta retrucaram:

- Agostinho só disse isso porque a casa dele não havia telefone. Se houvesse a sua máxima teria sido um pouquinho diferente: *"Ama e faz o que quiseres"*. Mas, no caso do ato de amor ser um telefonema, por favor, vê antes que horas são!" Entreguei os pontos, convencido. Abandonei-me à raiva daquela insônia. Ato de amor por vezes são terríveis. E me pus a pensar sobre esse tirano, o telefone. Alguns cientistas têm estado a debater se telefone celular causa ou não câncer. Como estão equivocados! A verdade é o oposto: É o câncer que produz o telefone celular. Telefone celular é uma doença, evidência de perturbação mental. Pois só pode ser louco quem quer carregar um chato a tiracolo.

Para início de conversa, é o tipo mais mal-educado que conheço. A gente ensina aos filhos boas maneiras, pedir licença, não interromper a conversa. Para o telefone isso não vale. Invade casa e quarto a qualquer hora, aos gritos, sem pedir licença, em completa desconsideração por aquilo que se está fazendo, pouco lhe importando que a pessoa esteja dormindo, no banheiro, trabalhando, rezando ou fazendo amor, e só pára de gritar quando seu desejo é atendido.

O ato de atender ao telefone, parece-me, dá ao outro a impressão de que estávamos ali à espera, com todo o tempo do mundo disponível.

E o pior é que todo mundo obedece. Já repararam o pandemônio que ele cria numa casa com seus gritos histéricos? E como se ele fosse um

cuja ordens têm de ser obedecidas imediatamente. E depois, vêm os insultos. Para o mais detestável é quando a telefonista atende e diz: *"Um momentinho só!"* E, sem nos consultar, põe o fone sobre um ouvido. E ali fico eu, sem alternativas, obrigado a ouvir anúncios, música caipira ou rock, pois, se não o fizer, não saberei quando a pessoa atende.

Há também a situação inversa, quando o outro nos chama e a telefonista diz: *"Um momento, por favor!"* Ai, toca a procurar a pessoa que fez a chamada que, naquele momento, deve estar num outro lugar e que imagina que seu tempo é precioso demais para esperar, somos nós, desocupados, os que temos que ficar esperando. Mas isso eu resolvo fácil. Conto até dez e desligo. Se chamar de novo digo que a linha caiu.

Depois dos insultos, as humilhações.

A telefonista atende, digo com quem deseja falar e ela pergunta *"de onde?"*. Fico perplexo. Desde

quando deixei de ser uma pessoa para transformar-me num lugar? Pois a pergunta *"de onde?"* pressupõe que o que importa, o que me define, é o lugar onde estou. Sou onde estou! Que filosofia besta!

Resolvo brincar. À sua pergunta sobre o "onde" respondo com o meu endereço. *"Não, não"*, ela me interrompe, espantada com a minha burrice. *"O nome da sua firma..."*

Pergunto de volta: *"E se eu não tiver firma..."*

E ela se cala. Não lhe ensinaram como proceder em tal situação. Ela não sabe o que fazer quando, do outro lado da linha, quem fala é uma pessoa e não um lugar.

Estou com raiva do telefone. A pimenta e a areia transbordaram dos olhos. Entraram nos pensamentos. Vou voltar para a cama, na esperança de poder dormir e desejoso de que não haja outro telefonema de amor que me acorde.

**Escritor, psicanalista, educador, tem mais de 40 livros publicados.*

frases

"Criatividade é ver o que todo mundo vê e pensar o que ninguém pensou". Szent Yorgyi, Prêmio Nobel de Química.

"Um político pensa nas próximas eleições. Um estadista, na próxima geração". James Clark, teólogo, norte-americano.

"Feliz é o que você vai perceber que era, algum tempo depois." Millôr Fernandes, humorista brasileiro.

"De o horizonte está nublado, é preciso olhar para trás para manter o rumo". Isaías Pessotti, escritor.

CONSELHOS DA POLÍCIA PARA SUA SEGURANÇA

KIT DE SEGURANÇA: O QUE TER / CARREGAR NA CARTEIRA:

RG: xerox. A lei não obriga andar com a original;

CIC: não colocar na carteira;

TÍTULO DE ELEITOR: só usar nas eleições;

DOCUMENTO DO VEÍCULO: não carregar o original, mas cópia autenticada pelo DETRAN);

CARTÕES DE CRÉDITO: se tiver mais de um, carregar apenas um escondido em outro lugar, fora da carteira. Se o ladrão levar, tudo bem. O perigo é ser utilizado em seqüestro-relâmpago.

CARTÕES DE BANCO: os mais perigosos, pois revelam toda a situação bancária. Se possível, não ter ou não carregar. Caso inevitável, agir como no caso do Cartão de Crédito;

CHEQUE: não apresenta perigo, pois é sustentável. Somente estelionatários gostam de cheques.

BANCO 24 HORAS: Nunca ir ao Banco 24 horas. Se inevitável, procurar os de shoppings e de locais movimentados, durante o dia e policiados.

A PÉ: Nunca parar para falar com estranhos, seja pedido de informações, seja qualquer outra coisa. O ladrão sempre vem de frente, encosta para perguntar e puxa a arma (no caso de assalto). Batedor da carteira é diferente, assim cuidado para carregar bolsas e carteiras.

NO CARRO: Colocar tudo no porta-malas, bolsa, casacos, pastas, volumes.... Cuidado com os outros volumes, pois sacolas, presentes e pacotes também "convidam" o ladrão. Segurança Básica: portas travadas, vidros fechados, cinto de segurança e volumes no porta-malas.

NO SEMÁFORO: Procurar parar sempre na pista da direita, os elementos estão sempre do lado do motorista, pois é mais fácil abordar e fugir;

FOCALIZAR, ou seja, estar atento aos arredores, ao ambiente, aos suspeitos e se posicionar para dificultar sua ação;

FAROL VERMELHO, POUCOS CARROS: reduzir a velocidade.

Pode ser que o sinal fique verde antes de ser necessário freiar o carro: não existe assalto em movimento.

POSICIONAMENTO INTELIGENTE: No tráfego pesado, procurar se posicionar entre os carros atrás e à direita. Atenção: manter distância do carro da frente. Se observar movimento suspeito, ir para frente "colado" no carro a sua esquerda, para dificultar a abordagem (não ligue se o motorista olhar feio, ele não entende nada de segurança)

DURANTE O ASSALTO:

Pronto, deu azar e está sendo assaltado.

O QUE FAZER? NUNCA REAJA;

- não tente fugir;
- encurte o tempo (não enrole);
- não faça movimentos bruscos;
- não porte armas (não haverá tempo e nem oportunidade de usar; então por que carregar? - caso o ladrão descubra, ficará com mais uma arma).

Além disso:

- tente ficar (ou parecer) calmo, com fala mansa;
- obedeça;
- peça autorização e avise quando fizer algum movimento (por ex.: ao desengatar o carro ou pegar um objeto) caso contrário, o ladrão pode pensar que se trata de uma reação;
- carregue mais dinheiro (para satisfazer o ladrão) e menos cartões.

APÓS A OCORRÊNCIA:

- não perseguir; na verdade, afaste-se do local;
- não chore ou entre em desespero;
- ligue o mais rapidamente possível para o 190 com todas as informações possíveis em mãos ou na ponta da língua (endereço preciso, descrição, direção da fuga etc.);
- encaminhe-se para a delegacia mais próxima ao fato (não da sua casa)

MFC

MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO

Tome nota - novos endereços:

EDITORIA & PUBLICAÇÕES

Assinaturas e Expedição de Fato e Razão - Atendimento às assinantes, assinaturas novas e renovações, números anteriores

Distribuidora Fato e Razão

Lucia Helena Alcoforado e Inez Soares
R. Visconde do Rio Branco, 633 sala 1002
24020-005 Niterói - RJ
E-mail: texere@uol.com.br

Publicidade, atendimento a Livrarias e Revendedores
Agência MFC de Promoção de Vendas

Sede MFC - Rua Goiás, 132
20756-120 Rio de Janeiro - RJ
Tel. (21) 2215-1401 - Fax (21) 2224-2693

Colaborações, críticas e sugestões
Equipe de Redação de Fato e Razão

Helio e Selma Amorim
R. Des. Saul Gusmão 80 - VIII
22641-280 Rio de Janeiro - RJ
Tel. (21) 2493-1588 - E-mail: amorim@ibpinet.com.br

Venda de Livros, Revistas e Temários do MFC, pedidos e encomendas para remessa postal

Livraria do MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68 Granbery
36010-520 Juiz de Fora - MG
Tel. (32) 3214-2952 - E-mail: nulysses@artnet.com.br